

# CATHOLICISMO E INTEGRALISMO — III

## TRISTÃO DE ATHAYDE

Vejamos agora, para terminar, as duas ultimas condições para que, a meu ver, sejam realmente beneficas as relações de cooperação ou de participação dos catholicos no movimento integralista.

### II — Vocação politica e não apenas inclinação social, civica ou partidaria

Essa exigencia, muito menos importante que a anterior, (que, de certo modo, resume todas as demais) visa marcar bem claramente que é possível, a um catholico, cumprir os seus deveres civicos, sem ingressar em qualquer partido ou movimento politico.

Creio que esse ponto ainda não está muito claro na consciencia de muitos catholicos, e dos melhores. Parece-me ver, em muitos, a convicção de que só se desempenham bem dos seus deveres, para com a sua Patria, se tomarem parte effectiva em movimentos estricitamente politicos.

Essa attitude provem de habitos tradicionaes em nossa formação historica. Até nossos dias, só havia duas attitudes para a actividade de um homem: ou trabalhar na esphera de uma vida profissional particular (como funcionario, advogado, medico, operario, commerciante, etc.) ou lançar-se na vida publica como politico.

Muitos accumulavam, como até hoje o fazem, as duas funções — de homem privado e de homem publico — e a maioria se restringia ás primeiras, como até hoje, repudiando desdenhosamente a segunda.

Só recentemente, é que começou a surgir, entre nós, uma terceira attitude possível: a actividade social. Isto é, nem a vida puramente particular em beneficio exclusivo dos interesses privados, como foi a face dominante da civilização burgueza, — nem a vida

---

(1) vid. "A Ordem", ns. 58 e 59; Dezembro de 1934 e Janeiro de 1935.

estricamente politica, em contacto directo ou partidario com o governo do Estado.

O serviço social, que é um trabalho em beneficio da collectividade, mas sem ligação directa com o Estado ou o Governo — só recentemente é que começou a introduzir-se no Brasil.

É ao testemunho de um sociologo não-catholico, como o sr. Delgado de Cárvalho, as unicas actividades sociaes brasileiras, dignas de nota e que começam a possuir uma organização ampla e solida, são as que constituem a Acção Catholica Brasileira, em vias de organização.

O'ra, muitos catholicos não comprehenderam ainda o alcance dessa organização nem o seu grande significado nacional e humano. E, habituados a fazer da religião um thema de exclusivo interesse intimo, continuam a não considerar senão os dois extremos: ou a vida particular ou a vida politica.

O que eu quero dizer, portanto, com a exigencia de que haja, de parte dos catholicos que ingressarem no Integralismo, uma verdadeira vocação politica, é que não basta querer prestar serviços á Collectividade para que seja util o ingresso em um movimento politico. Se a sua vocação fôr apenas social e não estricamente politica, ha, nos sectores amplos da Acção Catholica, toda a sorte de possibilidades de accção que devem ou podem ser tentadas, antes da accção propriamente politica. Antes de um catholico ingressar em qualquer movimento politico, que vae dispor do seu tempo e da sua capacidade de accção, deve considerar que ha um movimento social catholico, que não é incompativel, de modo algum, com essa participação, mas que está pedindo tambem o esforço e a dedicação dos catholicos.

Pensar logo no politico, antes de pensar no social, como em febra ainda se faz entre nós, é não ter noção exacta das exigencias dos nossos tempos e das responsabilidades da Fé Catholica realmente vivida.

Essas observações, se podem ser applicaveis a muitos catholicos, que desperdiçam as actividades que lhes sobram da sua vida particular, em preocupações politicas tantas vezes estereis, mórmente nas pequenas cidades do interior, — tambem podem caber aos que ingressarem no Integralismo, movimento politico de outra envergadura (como vimos da vez passada), sem a necessaria preparação. E cabem particularmente ás moças e senhoras catholicas. Confesso que não vejo o motivo de sua participação militante em qualquer movimento politico, a não ser por vocação invencivel, de

modo que a ellas se applica de modo muito particular esta segunda condição. E' o trabalho social que precisa de sua cooperação e, para isso, lhes fornece a Accção Catholica um campo de actividade, que está perfeitamente adequado á natureza feminina e ás exigencias de nosso meio. Ao passo que a accção politica militante, seja ou não integralista, póde desvial-as dessa linha de vida indispensavel á nossa civilização christã.

Esta segunda exigencia, pois, pretende abrir os olhos, a muitos catholicos, para as possibilidades e mesmo os deveres que têm, socialmente, antes de participarem de um movimento politico absorvente como o Integralismo.

Agora, se ha realmente vocação politica, confesso que não vejo outro partido que possa, como a Accção Integralista, satisfazer tão completamente as exigencias politicas de uma consciencia catholica, que se tenha libertado dos preconceitos "liberaes". Isso me parece particularmente valido para a mocidade. Os moços são geralmente sequiosos de accção immediata. Querem applicar a sua actividade, de modo a intervirem incisivamente no curso dos acontecimentos. E se isto é typico, em regra, da mocidade, (não o foi, aliás, de nossa geração, que era radicalmente apolitica) — ainda é mais da mocidade de nossos dias, sequiosa de seguir os exemplos de outras terras, em que os moços se encontram á vanguarda dos grandes movimentos politicos revolucionarios, da direita ou da esquerda.

O'ra, nós catholicos, nada temos, no momento, que possa satisfazer a impaciencia politica da mocidade. A Liga Eleitoral Catholica não póde, nem de longe, corresponder a esta sêde de accção directa, pois é de sua natureza operar por meios indirectos, isto é, sem character partidario e com um pogramma social e não politico) e onde os abandonou só teve a deplorar e a perder. Não encontra, pois, a mocidade catholica, com vocação politica, um movimento explicitamente catholico a que dê o seu enthusiasmo e a sua actividade.

E é levada, naturalmente, a ingressar no Integralismo, que é, sem duvida, como já disse, de todos os movimentos politicos modernos, no Brasil, o unico, a meu ver, que póde realmente corresponder ao idealismo palpitante e heroico desses moços impacientes e fortes.

E' o caso typico em que se póde encontrar preenchida, de modo completo, esta segunda condição, para a participação dos catholicos no Integralismo.

### III — Ausencia de responsabilidades na direcção da Acção Catholica

Esta terceira condição visa, de um lado, marcar vivamente a importancia do movimento da Acção Catholica e, de outro, evitar a sua confusão com qualquer attitude politica, mesmo a que se recusa a ser um partido e quer ser uma acção geral, hostile aos partidos e á sua politica de dilaceramento nacional e de clientela eleitoral.

Um dirigente da Acção Catholica, onde esta se encontre em via de organização ou já organizada, não deve ingressar no Integralismo, pois será pouco o tempo de que disponha, para dar ás tarefas consideraveis que já hoje exige a Acção Catholica.

Não o deve ainda, porque precisa collocar-se sempre em situação de perfeita insuspeição politica, em face dos membros da sua associação ou do seu sector. E, na Acção Catholica, póde haver membros de varios partidos ou movimentos politicos, como partidarios de varios regimens de Governo, da mesma fórma que, na Acção Integralista, ha fieis de varios credos religiosos ou philosophicos.

Não só, pois, a necessidade de concentração de esforços, mas, ainda, a de imparcialidade politica, em face da justa liberdade dos seus companheiros, nesse assumpto, exige que os dirigentes da A. C. não façam politica, mesmo em um movimento anti-partidario como o Integralismo.

E' mister que não haja confusão entre as duas actividades e sem essa exigencia não seria possivel evital-a.

Finalmente, encontra-se a nossa Acção Catholica na phase mais delicada de sua vida, que é a da primeira formação. A consciencia do que ella exige de deveres, por parte dos catholicos, ainda é inexistente em muitos destes. De modo que a tarefa social dos catholicos particularmente dos dirigentes da A. C., não póde desviar-se para outro plano, mormente o politico, sem que seja viciada, pela base, uma actividade de que vae amanhã depender a actuação social da Igreja no Brasil.

E' claro, pois, que, para os dirigentes da A. C., o ingresso no Integralismo é desaconselhavel.

---

Eis ahi o que, de momento, julgo necessario dizer para esclarecimento de nossos leitores e resposta a muitas consultas.

Penso, em resumo, que o Integralismo póde ser encarado:

- a) como uma reacção historica,
- b) como uma doutrina politica,
- c) como uma mystica social.

Como reacção historica é o movimento mais sadio e mais util

do nosso actual momento politico. Repercussão brasileira dos movimentos de vitalidade nacional, que salvaram a Italia, talvez a Allemanha e a Peninsula Iberica, e, porventura, a America do Norte, da anarchia economica e do imperialismo communista, representa para a Patria Brasileira a mais solida garantia de uma fidelidade ás mais puras tradições nacionaes.)

(Como doutrina politica pretende, em boa hora, restaurar o sentido frouxo da Autoridade, dar á Unidade Nacionál o posto basico que lhe compete em toda a sociologia politica do Brasil, defender as bases moraes e juridicas da familia brasileira. Todos pontos de um programma excellente.)

Póde, entretanto, levar a exaggeros nacionalistas a sua concepção "totalitaria" da vida que precisa ser bem esclarecida.

Na sua recente e interessantissima entrevista ao "Correio da Manhã", onde ha tanta verdade util, considera Plinio Salgado o Integralismo como uma "Revolução Espiritual", e uma "Revolução Cultural", além da Revolução Politica, que é o seu objecto proprio.)

(Funcções da Igreja ("espiritual"); funcções da Escola ("cultural"); funcções do Estado ("politica e economia) — esse ambito "totalitario" e "integral" póde levar a evidentes usurpações se não forem essas funcções bem delimitadas. Dahi a deducção logica de que só o integralismo é "multilateral". O que levaria á conclusão de que um catholico, por exemplo, não póde possuir o sentido da catholicidade, da "plenitude", de sua vida, se não se fizer integralista — o que seria uma consequencia absolutamente inacceitavel)

Devo, entretanto, dizer que as "directrizes" integralistas, já publicadas, nada contêm que entre em choque com a orientação social da Igreja. E o seu programma é talvez o unico entre os de todos os partidos politicos, que leva em conta sinceramente os elementos fundamentaes da nacionalidade.)

(Como mystica social, emfim, offerece o Integralismo aquelles perigos que examinei no artigo anterior, quando analysei a substituição que póde processar-se, na consciencia de catholicos mal preparados, pelo enthusiasmo heroico e communicativo desse novo messianismo politico.)

Quanto á attitude a assumir, pelos catholicos que me pedem o meu parecer, póde ser triplice como tambem já vimos:

- a hostilidade,
- a confusão,
- a cooperação.

Penso que a nossa attitude, em face do movimento integralista, se não deve ser, nem de hostilidade nem de confusão, só póde ser a da cooperação. E essa cooperação deve operar-se, subordinada ás tres condições que longamente analysei. Sendo que a dificuldade levantada pelo juramento parece resolvida pelas explicações do sr. Plinio Salgado, que a proxima Convenção de Petropolis deverá ratificar.

Eis ahi o resumo do que penso sobre o problema. E' possível que não tenha satisfeito a ninguem. E bem sei que muitos desejam apenas uma palavra concisa e categorica: "entre para o movimento ou "abstenha-se delle".

Não julgo ser possível uma resposta assim "tranchante". E' preciso desconhecer a riqueza das complexidades sóciaes, para aventurar em taes problemas, onde só podemos alcançar, como diz Santo Thomaz de Aquino — "uma probabilidade conjectural", — uma resposta de sim ou de não.

Sim, em certas condições, — é o que penso poder dizer. No mais, julgue cada qual de accordo com a sua consciencia, com as suas condições individuaes, com as exigencias do seu temperamento, do seu meio, da sua posição, etc..

Deus não nos deu a intelligencia para obedecermos servilmente e sim para applicarmos os principios geraes ás nossas condições particulares. E' justamente o objecto de uma virtude que os moralistas chamam de Prudencia e sem a qual é impossível qualquer acção intelligente em materia social.

Entrego, pois, estas minhas modestas mas honestas reflexões á prudencia dos nossos amigos e á critica dos nossos adversarios. Certo de que, para o bem da civilização christã em terras do Brasil, só podem resultar beneficios do entendimento sincero e leal entre integralismo e catholicismo, nas condições especificadas.

# POEMAS DE ISMAEL NERY (1)

(Recolhidos por Murillo Mendes)

## POEMA POST-ESSENCIALISTA

(1931)

O silencio provocou-me uma necessidade irreprimivel de correr. Abalci como uma flexa atravez dos mares e montanhas com incrível facilidade e sem cansaco. Eis-me agora sentado deante de uma paisagem em formação, ainda não colorida. O meu pensamento agora é que percorre o que acabei de percorrer, e admiro-me, então, de nada ter encontrado, sinão ao chegar o rastro phosphorescente que deixei ao partir. Os mares são agora ridiculos lençóes d'agua, de uns tres ou quatro palmos de profundidade. As montanhas são nuvens estaticas, que o eterno medo dos homens transformará em granito. Tudo é pavorosamente deshabitado. Não ha leões nem clephantes nos desertos da Africa. Não existem as pyramides nem a Torre Eiffel. Existe apenas eu mesmo, que me percebo inversamente por uma idéa que chamo mulher e que paira rarefeita sobre a superficie do globo — idéa incomprehensivel porque nada existe na terra além de mim mesmo. Volto a percorrer novamente o espaço, porém, desta vez, com a lentidão do crescimento das plantas, multiplicando-me progressivamente na minha idéa para mostrar-me a mim mesmo. Os mares, agora, são profundos e as montanhas se solidificaram. Aparecem leões e elephantes nos desertos da Africa. Construíram as pyramides no Egypto e levantaram a Torre Eifel, em Paris, no anno em que um outro eu nascia em Belém do Pará. Tudo se povoou transbordantemente. Acho-me agora sentado na prisão, olhando sereno através das grades, aguardando o julgamento do crime nefando que commetti de usar a mim

---

(1) Nascido em Belém do Pará, em 9-10-1900, e fallecido nesta capital em 6-4-934.

mesmo, na minha mãe, mulher, filha, neta, bisneta, tataraneta, nora e cunhada. Voltarei, ainda uma vez, para ser o meu próprio Juiz. Nada existe, além de mim mesmo, senão para mim.

Silencio.

### O ENTE DOS ENTES

(1933)

A minha mão gigante rasgou o céu e appareceu a figura do Ente dos entes. Houve confusão tremenda e os homens se misturavam, gritando; gritos de alegria, de dôr, de espanto e de medo. Os sentidos dos homens de aperfeiçoaram e elles viram, ouviram e sentiram o que nunca tinham visto, ouvido e sentido. Houve, depois, consciencia e todos se calaram. E olhavam pasmos a figura do Ente dos entes, que, para os homens era uma mulher e para as mulheres era um homem, e que apontava para tres estrellas que giravam loucamente em volta de uma grande esphera de aço polido, que tinha a cabelleira como a de uma mulher e que, serena, caminhava girando sobre si mesma, para o occidente. Depois, o Ente dos entes abriu suas vestes e mostrou no seu corpo phosphorescente tres nodoas vermelhas, duas na altura do ventre e uma em cima do coração. E falou em linguagem desconhecida. Ninguem entendeu o que disse o Ente dos entes, mas todos, no fim, sentiram um grande consolo. Na noite deste acontecimento os homens amaram como nunca tinham amado as suas amadas e estas conceberam filhos para que pudessem ver tambem o Ente dos entes, que prometteu voltar.

Houve paz temporaria.

**ORAÇÃO DE I. N.  
(1933)**

Meu Deus, para que puzestes tantas almas num só corpo?  
Neste corpo neutro que não representa nada do que sou,  
Neste corpo que não me permite ser anjo nem demonio,  
Neste corpo que gasta todas as minhas forças  
Para tentar viver sem ridiculo tudo que sou.

— Já estou cansado de tantas transformações inuteis.

Não tenho sido na vida senão um grande actor sem vocação,  
Actor desconhecido, sem palco, sem scenario e sem palmas.

— Não vêdes, meu Deus, que assim me torno ás vezes irreconhecivel

A minha propria mulher e a meus filhos.

A meus raros amigos e a mim mesmo?

— O' Deus estranho e mysterioso, que só agora comprehendo!

Dai-me, como vós tendes, o poder de crear corpos para as minhas  
[ almas

Ou levai-me deste mundo, que já estou exausto.

Eu que fui feito á vossa imagem e semelhança.

Amen!

**A VIRGEM INUTIL**  
**(1932)**

Eu não lhe pertenci porque não quiz  
Não fui de ninguém nem sou minha.  
Nasci no dia 9 de julho de 1909  
E não sei quando morrerei.  
Fui criança que não brincou  
E moça que não namorou.  
Sou mulher que não tem desejos.  
Serei velha sem passado.  
Só gosto de estar deitada  
Olhando não sei p'ra onde.  
Passo horas sem pensar,  
Passo dias sem comer,  
Passo annos sem mexer  
No quarto azul que me deram.  
Nasci nelle, vivo nelle e nelle talvez morrerei  
Se não apparecer aquelle  
Que sempre esperei sem cansaço,  
Que me fará levantar, andar e pensar,  
Que me ensinará o nome de meus paes e das partes do meu corpo.  
Eu espero alguém que talvez não venha  
Mas que sei que existe,  
Porque sei que existo.

## POEMA

(1933)

As gargalhadas

Os prantos

Os gritos de admiração e de pavor

Os gemidos de gozo e de sofrimento

O murmúrio do mar

O troar dos canhões

E todos os barulhos do universo

— Tudo isto penetra no meu ouvido

Como no ouvido

De uma estatua de pedra de olhos fechados,

Immovel,

Que presidisse a vida,

Que registrasse o tempo

E que pensasse

— O dia em que visses essa estatua olhando

Poderias afirmar — não existe Deus. —

E terias então o direito de julgar.

**CONFISSÃO****(1933)**

Não quero ser Deus por orgulho.

Eu tenho esta grande diferença de Satan.

Quero ser Deus por necessidade, por vocação.

Não me conformo nem com o espaço nem com o tempo,

Nem com o limite de coisa alguma.

Tenho fome e sede de tudo,

Implacável.

Crescente.

Talvez seja esta a minha diferença de Deus

Que tem fome e sede de mim,

Implacável,

Crescente,

Eterna

— De mim que me desprezo e me acredito um nada.

A NOIVA DO POETA

(1932)

A minha noiva se reparte toda nas minhas quatro amantes,  
Sarah, Esther, Ruth e Rachel.

Sarah tem o seu ar e o seu corpo,  
Esther tem a sua côr e seus cabellos,  
Ruth tem o seu olhar e seu andar,  
Rachel tem sua boca e sua voz.

A minha noiva magnifica só existe  
Na minha imaginação.

**ISMAELA****(1932)**

A minha irmã é minha edição feminina e meu castigo.  
Dá a todos o que eu nunca de mulher alguma recebi.  
Se eu não soubesse que sou também o seu castigo  
Ha muito tempo que seria fratricida ou suicida.

**PRIMEIRA PARTE DO MEU POEMA****(1933)**

Os gemidos das nossas mães se misturaram na noite.

— A tua te punha na vida para mim,

A minha me lançava no mundo para todas.

E's porém a minha grande favorita !

Tudo que tenho tem um pouco de ti.

— Os meus filhos, por exemplo,

Que aliás são teus.

## FRAGMENTOS DO MEU POEMA

(1933)

A minha angustia aumentará em meus filhos  
— Angustia que herdei de meus paes e meus avôs  
Angustia que dia a dia se torna universal  
Desde o dia em que Caim assassinou Abel.

---

Morrerei de sede como o meu xará da Biblia.  
Mas não num deserto como o filho da escrava.  
A minha sede é mil vezes peor do que a delle  
E' uma sede que não é de agua,  
E' uma sede insaciavel  
Que augmenta á medida que eu bebo  
E que não me dá a esperanza de morrer já.

---

Sei que és minha tanto quanto a minha mão  
Que separada do meu corpo morreria.  
Sei que é minha toda a tua vontade  
Desde o dia em que sentiste que a tinhas.  
Confundimos nossos corpos,  
Misturámos nossas almas  
E eu ainda não estou saciado de ti !  
Não basta que eu seja o dono da tua vida  
Ou que pudesse ser o autor da tua morte.  
Eu precisaria ter sido o teu inventor  
Para estar agora satisfeito  
— Mesmo que pertencesse a outro.

NOTA — Serão publicados, no proximo numero d'A ORDEM os poemas restantes deixados por Ismael Nery, commentados e anotados por Murillo Mendes.

# A ESPIRITUALIDADE BENEDICTINA

D. GABRIEL BELTRÃO, O. S. B.  
Prior e mestre de novicos da Abbadia de Olinda

As infinitas perfeições de Deus, precisamente por serem infinitas, não podem ser perfeitamente imitadas pelas criaturas. Em o numero incalculavel dos seres que a bondade divina tirou do nada e aos quaes não conhecemos todos, por simples incapacidade nossa — nem ao menos conhecemos todas as especies de formigas que Deus creou — espelham-se as perfeições divinas.

Na gama quasi infinita da criação, dos seres menos perfeitos aos mais perfeitos, do mineral ao ser dotado de vida e sensibilidade, a sabedoria e o poder do Creador nos extasiam: “Quão magnificas são as tuas obras, Senhor! Fizeste com sabedoria todas as coisas”. Ps. CIII, 24.

As estrellas, diz o Apostolo, differem entre si pela intensidade de sua luz. (I Cor. XV, 41). Assim tambem os santos. Não são eguaes. Mas todos são santos. E, de certo modo, podemos afirmar que todos são igualmente santos comquanto variem no gráo de santidade. Contradição? Apparente apenas. Dois calices de tamanho diverso inteiramente cheios contêm porção diversa segundo a sua capacidade, não deixam porém de estar ambos completamente cheios. O santo, para que o seja, deve ter realizado em si, em sua alma, uma idéa eterna que na mente divina existe.

O santo é a realização no tempo, é a copia nesta vida do original “ab aeterno” existente na mente de Deus.

Vejamos alguns typos de santos. A expressão é trivialissima.

São Paulo é o incansavel, o apaixonado da cruz, do soffrimento, do apostolado, das almas, do Christo. São Luiz de Gonzaga é uma figura que, certamente, não se confunde facilmente com outra. A mais perfeita innocencia alliada á mais austera penitencia. Santa Thereznha, a santa dos nossos tempos, alma feita de amor e de alegria no soffrimento: o heroismo do soffrimento feliz. São José, a expressão mais acabada da creatura que realiza a sua missão.

cumpre o programma de vida por Deus estabelecido. E' a mais alta santidade no mais profundo silencio de uma vida apagada e interiormente intensissima e que só vive para Deus. São Francisco de Assis, a loucura da Cruz. A imitação perfeita do crucificado. Santa Maria Magdalena, a peccadora convertida (seguimos, neste momento, a opinião tradicional e não a exegetica), convertida e canonizada pelo proprio Christo.

Todos esses santos são astros de primeira grandeza no firmamento da santidade. E cada um delles tão diverso dos outros, tão caracteristico em sua personalidade propria !

São Bento é o que se póde chamar uma personalidade de forte relevo, um caracter que se destaca. Do grande Patriarcha dos Monges do Occidente dizia um de seus mais illustres filhos, São Bernardo, "per omnia serius sed non austerus" — sério sempre e em tudo mas não austero.

São varios os aspectos sob os quaes póde ser estudada a figura gigantesca do Patriarcha dos Monges do Occidente. Immortal fundador de uma obra que não teve em mente fundar ! Lançou os fundamentos do "monasterium" sem intenção de crear uma ordem religiosa, e a sua obra desafia os seculos rejuvenecida e cheia de vida nos seus mil e quatrocentos annos de existencia.

Não é desconhecda a vida do Patriarcha do Monte Cassino nem de todo ignorada a historia de sua Ordem, pelo menos em suas linhas geraes, pois que se confunde com a historia da Igreja e da cultura.

Mais desconhecido é o ascetismo benedictino, a espiritualidade monastica, a ascese de São Bento. Não é um commentario á "Regula sancta" que nos propomos aqui fazer, apenas um ligeiro estudo sobre a espiritualidade benedictina.

São Bento foi um profundo conhecedor do coração humano, foi igualmente um profundo theologo. E' admiravel o seu olhar theologico: claro, simples e profundo.

Logo nas primeiras linhas do prologo de sua regra, escreve o Legislador do Monte Cassino: Ut ad Eum per oboedientiae laborem redeas, a quo per inoboedientiae desidiam recesseras" — para que voltes pelo esforço da obediencia A'quelle de quem te afastaste pelo desleixo da desobediencia". São Bento alcançou com o seu olhar penetrante, illuminado pela luz sobrenatural da fé, o mal congenito da humanidade: o peccado original e suas pavorosas consequencias.

O peccado original foi um peccado de orgulho, desobediencia e sensualidade. O homem afastou-se de Deus pelo orgulho e pela

revolta. Por isso fala o Patriarcha ao candidato que se apresenta á porta do mosteiro, desejoso de fazer-se seu filho: "Ad te ergo nunc mihi sermo dirigitur, quisquis abrenuntians propriis voluntatibus Domino Christo vero Regi militaturus oboedientiae fortissima atque praeclara arma sumis" — A ti pois se dirige neste momento a minha palavra, quem quer que sejas que, renunciando ás tuas proprias vontades para militares sob as ordens do Senhor Christo verdadeiro Rei, tomas as fortissimas e gloriosas armas da obediencia" (Prologo). A esse candidato, se é que procura verdadeira e sinceramente a Deus ("si revera Deum quaerit cap. LVIII) lembra o Mestre logo no limiar da vida monastica que deverá voltar a Deus pelo caminho inverso daquelle que trilhou quando de Deus se afastou. Afastou-se pelo orgulho e pela desobediencia. Quem forçosamente que voltar pela obediencia e pela humildade, em uma palavra, pela renuncia de si mesmo. A historia triste da queda da humanidade narrada pelo escriptor sagrado nas primeiras paginas do Genesis é completada pelo evangelista São João, no capitulo segundo de sua primeira epistola: "Quod est in mundo concupiscentia carnis est, et concupiscentia oculorum et superbia vitae" E' a triplice concupiscentia; a da carne, a dos olhos, que é a ambição, e o orgulho da vida que é tambem concupiscentia: ser, ter, gozar.

São Bento quer a reforma moral de seu filho, o renascimento de sua vida sobrenatural, a sua "conversio" ("conversatio"), a mudança radical de seus costumes. E, por isso, elle não se perde em considerações nem olha as coisas de somenos importancia; elle vae directamente ao amago da questão, aos pontos concretos da personalidade que devem ser reformados.

Esse modo de agir do Legislador procede de sua visão extraordinariamente clara do mundo sobrenatural.

Se compararmos a regra benedictina ás regras existentes ao tempo de São Bento, como, por exemplo, á de São Columbano, apparece-nos de uma condescendencia que raia pelo relaxamento. Não é propriamente no rigor que consiste a perfeição de uma regra monastica. Aquellas regras contemporaneas de São Bento desapareceram. O codigo cassinense caracterizado por Gregorio o Grande como "digno de nota por sua discreção", ainda hoje dirige o monachismo nos caminhos da perfeição.

A mentalidade de São Bento não era sómente a de um romano que via longe, que espraiava os olhos tão longe quanto lh'o permitiam os limites do imperio, isto é o mundo então conhecido, era so-

bretudo o modo de pensar de um homem cuja alma foi particularmente ornada dos dons do Espirito Santo.

Para São Bento, a penitencia tem a sua importancia, importancia grande mesmo. Não podia deixar de ter. Elle quer seja a vida do monge uma quaresma continua. Mas a penitencia não é aos seus olhos o essencial da vida religiosa. Falamos da penitencia externa, já se entende. Não é o essencial aos olhos de São Bento que o seu monge se flagelle todos os dias, que viva a pão e agua, que passe noites e noites de joelhos em oração, que durma sobre o chão duro a praticar a virtude da "chaumenia". Tudo isto p4de estar muito bem, mas aos olhos de São Bento está longe de constituir a parte essencial nem mesmo integrante da santidade.

O homem se afastou de Deus pelo orgulho, pela desobediencia e pela sensualidade. Deve voltar a Deus pela humildade, pela obediencia, pela renuncia. Para realizar esse trabalho interior em sua alma faz-se mister a atmospheria do silencio. O fructo será a perfeição da caridade. A vida de oração, de união com Deus (caridade para com Deus) será eminentemente liturgica.

☪ monge não se santifica sózinho. O beneditino é cenobita. O seu lar é o mosteiro, vive em uma familia monastica, entre irmãos que procuram a realização dos mesmos ideaes, sob a direcção de um Abbade que será o seu mestre e pae emquanto viver.

A sua actividade é multipla: tudo o que fôr bom e digno, não se oppondo ao officio divino, o "Opus Dei" ao qual não é licito antepôr coisa alguma (cap. XLIII) nem á vida de familia. Separa-lo da communitate é privá-lo do seu ambiente proprio digamos biologico.

Vejamos, em traços rapidos, os diversos elementos do que poderiamos chamar o ascetismo beneditino.

Afastando-se de Deus, apegou-se o homem ás creaturas e a si mesmo. São Bento quer que o seu discipulo se desapegue das creaturas e de si e volte a Deus, sómente e exclusivamente a Deus.

O apego aos bens materiaes é a concupiscencia dos olhos de que fala São João. E' a ambição, raiz da injustica. Pio XI gloriosamente reinante, como Bento XV e Pio X, como Leão XIII não se cançaram de clamar, apontando a causa do mal estar que aflige a humanidade: o esquecimento dos bens espirituaes e eternos e a sêde dos bens perciveis e caducos.

O mundo de hoje perdeu o equilibrio dos valores esqueceu os moraes e espirituaes, perece á fome entre a superproducção dos materiaes e terrenos.

São Bento prohiibe terminantemente o peculio e a propriedade

no mosteiro. O mosteiro póde ter patrimonio. O monge nada póde possuir "nihil omnino" — nada absolutamente (cap. XXXIII). Nenhum monge póde possuir coisa alguma. Nenhum póde dispôr sobre o minimo objecto. O Abbade deve providenciar para que os monges recebam o necessario, afim de que não haja desculpas: "ut auferatur omnis necessitatis excusatio" (cap. LV). O monge usa, mas não possui os objectos entregues á sua guarda. E' incapaz de possuir. Presentes, esportulas, alguma retribuição que por ventura receber, de volta ao mosteiro entregará ao Abbade ou ao Celleireiro. Nada reservará para si.

São Bento fala energicamente do "vicio" da propriedade (cap. XXXIII) "vicio nequissimo" (Item) que deve ser radicalmente extirpado do mosteiro: "radicitus amputetur" (cap. LV).

O que fôr superfluo "amputari debet" (Item) deve ser cortado. O Patriarcha não quer que os seus filhos possam dispôr de qualquer coisa ou objecto. E' a pobreza evangelica em todo o seu rigor. Tem expressões que não deixam margem á duvida: "Nullam omnino rem", "nihil omnino" — nenhuma coisa absolutamente, absolutamente nada (1. c.).

Porque exigir tanto? E' que São Bento quer que o seu filho seja livre, inteiramente livre dos bens terrenos para que possa voltar toda a sua attenção, sem embaraço algum, para a obra ingente de sua santificação. Mas São Bento é grande em tudo, não sabe ser mesquinho. E' um romano de vistas largas. São Bento não determina o "quantum" que póde ou deve ser concedido aos seus monges, a não ser quando se trata de vinho, que elle permite sómente a contragosto, por achar que não é bebida para monges.

Lamenta, entretanto, que disto não se possam convencer os monges do seu tempo (Regula sancta, cap. XL). Quanto ás necessidades de cada um, são individuaes. Quem menos necessidades tiver, dê graças a Deus e não se contriste, quem mais necessitar, humilhe-se pela fraqueza e não se exalte pela misericordia, e assim todos viverão em paz (cap. XXXIV).

Logo no principio desse capitulo, o Legislador Monastico firma a sua doutrina sobre a Sagrada Escripura: "Dava-se a cada um segundo as suas necessidades" Act. Apost. IV, 35. Não podiam escapar á sabedoria romana do Patriarcha, á sua visão nitida das coisas, as exigencias e fraquezas reaes da natureza humana. São Bento não é um mero ideologo. Visando o ideal alevantado da santificação dos monges, organizador por natureza, procura o Patriarcha dispôr a vida monasterial de modo a não faltarem os meios adequados ao fim em vista, meios sobrenaturaes e naturaes.

Lembrava-se o Legislador não poder exigir dos seus filhos a observancia da mais estricta pobreza monastica, sem que providenciasse para que nada lhes faltasse do necessario á vida.

De par com o desapego das coisas materiaes, quer o Patriarcha dos Monges que o seu discipulo seja inteiramente alheio ao mundo e ao seu espirito. O espirito do mundo é mais perigoso que o proprio mundo. O monge não deve, em hypothese alguma, não póde nunca, jámais, sob pena de deixar de ser o que é, adaptar-se ao mundo. Antes pelo contrario, deve reagir contra o espirito do mundo e sobre elle exercer, se possivel, sobretudo pela sua vida, pela sua mentalidade e pela sua cultura, uma influencia benefica. Deve fugir ao mundo, aborrecê-lo, viver na clausura do mosteiro, mais ainda, na solidão da cella monastica. Diz o autor da Imitação de Christo "cella continuata dulcescit" a cella monastica habitada se faz suave (lib. I, XX).

Não só ás creaturas se apegou o homem. Seria relativamente facil desapegar-se. O peor foi que se apegou a si mesmo em um egoismo feroz, constituindo-se fim e centro de si mesmo, de sua vida, de sua existencia. E' o esquecimento da sua condição de creatura. São Bento quer que o seu filho se desapegue inteiramente de si e se volte total e inteiramente para o Creador. Para attingir esse programma, exige o sacrificio do corpo pela obediencia, da intelligencia pela humildade. Entenda-se bem: a humildade da intelligencia não sacrifica a verdade.

Em se tratando da santificação dos seus filhos, daquillo que poderíamos chamar o esqueleto, a ossatura de sua regra, o plano de santificação de seus discipulos, São Bento não conhece meias medidas, não admittê contemplações nem concessões, elle aliás tão discreto, indulgente e generoso, que tantas vezes recommenda ao abbade que procure ser mais amado que temido (cap. LXIV), prefira a misericordia á justiça, disponha tudo de tal modo que os fortes se animem a maiores coisas e os fracos não desanimem nem arrepiem caminho (l. c).

O monge deve extirpar o egoismo, o amor proprio — condição dolorosa mas necessaria, imprescindivelmente necessaria de sua santificação. O caminho a seguir é o inverso do seguido quando de Deus se afastou. Afastou-se pela desobediencia. Deve voltar pela obediencia. Essa obediencia é sobrenatural, prestada ao superior como se fôra a Deus, obediencia prompta e sem demora, obediencia completa, sem hesitações, sem replica nem murmurações (cap. V).

Póde muitas vezes a obedeiencia ser facil e agradavel e póde

muitas vezes ser extremamente difficil e penosa. São Bento não hesita nem mesmo deante do caso em que ao seu discipulo tiver sido ordenada alguma coisa impossivel. Depois de humildemente, sem resistencia nem espirito de contradicção, apresentar ao superior as razões de sua impossibilidade, diz o Legislador de Monte Cassino, que o monge confie em Deus e obedeça (cap. LXVIII). Não trepida o Patriarcha em contar com uma extraordinaria intervenção divina a favor da obediencia sobrenatural. A historia da Ordem prova, mais uma vez terem os factos confirmado a sua confiança.

O orgulho da vida é a terceira e mais perigosa concupiscencia de que fala São João. O orgulho é a raiz envenenada de todas as miserias moraes humanas. São Bento o combate de frente. Quer que o seu monge seja humilde. Escreveu por isso o mais amplo capitulo de sua regra, verdadeiro tratado sobre a humildade, commentado e recommendado por Santo Thomaz de Aquino em sua Summa Theologica. Leva o monge a uma escada mysteriosa, cujos degraus são outros tantos graus de humildade. Humildade primeiramente interior e como sua consequencia natural a humildade exterior.

Não deixa de ser interessante acompanhar o olhar profundamente psychologico de São Bento em sua regra. No oitavo grau da humildade recommenda elle aos monges evitem singularidades: Nada senão o que fôr costume do mosteiro e exemplo dos mais antigos. Quer que o monge faça uma humilde manifestação das faltas occultas ao Abbade. Nas coisas mais duras, penosas e repugnantes, nas injustiças dos homens, porventura dos superiores e de maus irmãos, apegue-se o religioso á Cruz, sustente, diz elle, não afrouxe nem se afaste.

Ensina ao monge a considerar-se a mais desprezivel creatura do mundo, a contentar-se com as coisas mais humildes e vis e a se ter na conta de incapaz e indigno. (cap. VII).

Por que taes extremos? São Bento quer que o seu discipulo se despoje inteiramente de si mesmo, renuncie a si mesmo total e completamente. Só assim será livre, livre da liberdade dos filhos de Deus e poderá seguir o Christo, o qual, como diz a Escripura, correu exultante qual gigante. Ninguem carregado do peso de si mesmo e do apego ás creaturas, poderia acompanhal-o. São Bento exige a renuncia ás coisas externas, a mais completa renuncia a si mesmo, á vontade propria, ao egoismo, ao amor proprio. A humildade, a aniquillação é o estado natural que compete á creatura em face do Creador. A renuncia como estado e condição permanente é a atmosfera propria em que se pode desenvolver a vida monastica.

São Bento dispõe em volta de seu discípulo uma atmosfera de silêncio, de recolhimento, imprescindível á concentração do espirito sem o que a vida de oração, de meditação, de união com Deus seria totalmente impossível. como até impossível seria uma simples vida de estudo serio.

A oração benedictina é, sobretudo, a oração da Igreja, a oração liturgica e a vida de união de Deus, de contemplação que d'ahi decorre. São os gemidos do Espirito Santo no coração da Esposa do Cordeiro.

"Não sabemos o que havemos de pedir, como convem, mas o Espirito ora por nós com gemidos inexplicaveis" Rom. VIII, 26. O benedictino não é amigo da piedade individualista, mãe de mil devociunculas estéreis proprias só para cansar as almas. A sua oração pessoal é como permanente, é o fruto sazonado da acção do Espirito Santo na sagrada liturgia. E' a oração da Igreja, os seus arrebatamentos, as suas alegrias, os seus queixumes, acordes feridos pelo dedo de Deus na harpa do psalmista. Não é o homem que reza, que adora, que agradece, que supplica, que satisfaz; é Deus que lhe ensina a rezar. E do culto que a Igreja presta ao seu Esposo Divino passa o monge levado pela mesma Igreja para a expressão maxima da religião, as homenagens, a piedade, o culto do proprio Filho de Deus e seu Eterno Pai: "Pater immensae majestatis", Pai de immensa majestade.

As intenções, os sentimentos, o amor infinito do Homem Deus a seu Pai no culto e no centro de todo culto, de toda religião, da Igreja, no sacrificio do altar, são um abysmo insondavel da piedade solida, substancial, fonte perene e inesgotavel de vida de oração, de contemplação, de união intima com Deus. Faz-se então pequenino tudo o que não é Deus.

Mas toda essa vida de santificação deve desenvolver-se no monasterium, no mosteiro, sub regula vel Abbate, sob a obediencia de uma regra e de um Abbade, em união fraternal com outros monges, na familia monastica, cujo pai é o Abbade. Sobre os hombros do Abbade colloca São Bento um peso quasi insupportavel. Dá-lhe a mais ampla autoridade mas a cada pagina está a lhe recordar as estrictas contas que tem de dar a Deus, de sua propria alma, dos seus discipulos, até do progresso que os seus filhos deixaram por ventura de fazer.

A vida de familia no mosteiro é essencial á vida benedictina. Esta a razão do character vitalicio do cargo abbacial. O Abbade é pai e o será enquanto viver. O monge não é apenas um aggregado,

incorporado á comunidade, é verdadeiro filho da casa. Tem deveres mas tem igualmente direitos. O seu mosteiro é o seu lar. Elle faz o voto de estabilidade local para a sua Abbadia. Deve ser consultado nos negocios de importancia, quer temporaes, quer espirituales do mosteiro.

Este caracter familiar da Ordem Benedictina corresponde admiravelmente á natureza humana. E' a familia o instituto divino fundamentalmente humano. O homem sem a familia não se concebe. São Bento transplantou do terreno natural para o sobrenatural da vida monastica a instituição da familia. O monge beneditino é cenobita, é solitario mas não é um isólado. Em sua comunidade sente-se entre seus irmãos. Em seu mosteiro sente-se em casa. Conceção grandiosa, formidavel, gigantesca do genio monastico do Abbade do Monte Cassino.

Para que essa vida de familia sobrenatural seja perfeita, quer São Bento reine entre seus monges a mais perfeita caridade. Não pôde haver caridade sem mortificação, sem espirito de sacrificio, sem renuncia, muito especialmente na vida commum que, no dizer dos Santos Padres, é a maior penitencia.

Caridade não ha sem muita paciencia. Por isso quer o Patriarcha supportem-se os seus monges as suas fraquezas corporaes e espirituales com toda a paciencia, procure cada um o que fôr util para os seus irmãos e não para si, e se obedecam uns aos outros á porfia. (cap. LXXII).

Quanto á actividade de seus filhos, São Bento tudo permite. O que trazer a approvação da obediencia, o que não impedir a vida de familia no seio da comunidade, o que não criar embarços ao Opus Dei, o officio divino, a que nada pôde ser preferido, pôde ser praticado e exercido pelo monge. O campo de accção abre-se aos seus olhos tão vasto como a Igreja: universal.

Ahi está em um simples bosquejo a espiritualidade beneditina. Nada mais simples e nada mais radicalmente opposto á natureza humana decahida. Em sua extrema simplicidade a ascese não é mais que a reproducção da economia da Redempção.

A regra de São Bento se presta a estudos interessantissimos sob o ponto de vista pedagogico e cultural. E esse aspecto cultural é multiplo: literario, agricola, economico e outros. Quizemos apenas, neste rapido estudo fazer um pouco conhecida a espiritualidade de um dos maiores Mestres da vida interior, do Patriarcha dos monges do Occidente.

OLINDA, Dezembro de 1934.

# A MENSAGEM DE CHRISTO

LUIZ AUGUSTO DE REGO MONTEIRO

“A caridade será o signo distinctivo dos meus discipulos”, na successão dos seculos. Com estas palavras vasadas no rythmo oracular de São João:

“In hoc cognoscent omnes quia discipuli mei estis si dilectionem habueritis ad invicem” (Joan. XIII, 35) — foram fixados em definitivo, os caracteres dos adeptos do “mandamento novo”.

“Este é o meu preceito” (Joan. XV, 12) reaffirma Christo, na preocupação illuminada de proclamar o exclusivismo da originalidade do novo mandamento — o da caridade universal ou catholica.

Na opulencia maravilhosa da sua doutrina, o imperativo da caridade dominou o ensinamento de Jesus: “Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que vos ameis tambem vós mutuamente” (Joan. XIII, 36).

Sobre a velha collectividade judaica pesavam as muralhas que a isolavam das aspirações universaes.

A differença, então, entre o conceito nacional, que a ambição imperialista propugnava entre os hebreus, e o amplo sentido humano da predicação de Christo, divide irremediavelmente qualquer elo que se pretenda estabelecer entre o universalismo ou o catholicismo de Jesus e a sublevação nacionalista da Judéa, a qual incorporaria o Christo á figura de um commum revolucionario popular.

“Mais nulle part, dans l'ancienne Loi, on ne trouve un précepte explicite d'aimer tous les hommes”. (Abbé Marmion — “Le Christ Vie de l'Ame”).

Sómente o Christianismo, atravez a magestade immensa dos horizontes infinitos de seus preceitos poderia operar o milagre, possibilitando a apostrophe do apóstolo... “em um mesmo Espirito fomos nós todos baptizados para formarmos um mesmo corpo, ou sejamos judeus ou gentios, ou servos ou livres”... (Cor. XII, 13). Era genial a antevisão da oppugnação do Christo aos preconceitos que se levantariam entre raças e povos, em todas as épocas e a condemna-

ção profunda ás humilhações e aviltamentos dos vencidos nas lutas de classe.

Nessa advertencia de São Paulo estava predicta a defesa de todos os dominados e explorados.

---

Sobre ser um mandamento novo — o da caridade catholica — este conceito desprendia definitivamente Jesus da mentalidade e dos interesses de sua raça e do seu ambiente para que se perpetuasse a sua doutrina transcendendo ás vicissitudes de todas as culturas, incessantemente ultrapassando a decadencia de todos os cyclos da civilização.

Acima de todas as interpretações historicas, Jesus resta inequivocamente solitario na evolução de todas as doutrinas pela divina unidade de sua Lei.

E esta mensagem de Christo na simplicidade sublime do que é perfeito e immortal corresponde, hoje como sempre, á solução da grande crise social. Nem um regimen, nem uma instituição, nações ou classes, homens ou doutrinas, hão de subsistir se a substancia de todas as acções sociaes não fôr o homem conformado na serena elevação do desprendimento christão.

E este desprendimento e esta renuncia será a estrella que brilhará na testa dos pacíficos — os que edificarão — os que sobreviverão entre a ruina dos corrompidos e a dissolução dos odientos.

Ouçam os homens a doutrina da caridade porque ella é dignificante e austera. E' a grande coragem moral; e ella vencerá porque tornará estupefactos até os homens vulgares. E o christão perfeito avultará entre os seus semelhantes porque será infinitamente maior que elles.

Diz o philosopho: — "L'impassibilité, quand elle n'est pas niaiserie, la douceur, quand elle n'est pas lacheté, stupéfaient, comme toutes les choses merveilleuses, les ames les plus vulgaires, font sentir á la bête que cet homme est plus qu'un homme". (Leonce de Grandmaison — "Jesus Christ" — 1er. vol).

Pela caridade remetter-se-ão nas bainhas as espadas que o odio ensanguentou; cessarão os amotinamentos e as dissensões; sobre a cabeça dos innocentes não tombará a iniquidade dos soberbos; não haverá quem morra de fome ante quem esbanje; não tremerão os nu's em face dos opulentos; não se clamará pela liberdade em torno de cadafalsos e o homem não será machina nem mercadoria e a mulher não será escrava nem prostituta.

Aquelles que tiverem ouvidos que ouçam a doutrina de Christo,

porque ella se dirigiu ás almas, mas se compadeceu das multidões “*misereor super turbam*” (Marc. VIII, 2), ella é religião de vida e gera o “homem novo”.

Que se detenha a humanidade e medite as harmonias dos 111 versículos do Sermão da Montanha que aureolaram de caridade as exultações da justiça. Ouçam os insensatos os ecos do “mandamento novo”, que dicta a solução para os angustiados tormentos das competições da hora actual, e todos ouçam o que foi dito com as promessas de glorificação e os acenos de justiça:

— “Vinde benditos de meu Pae, possuir o reino que vos está preparado desde que se constituiu o mundo. Porque tive fome e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era um forasteiro e me recolhestes; estava nu’, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; estava no carcere, e me viestes ver. Então lhe responderão os justos, dizendo: Senhor, quando é que nós te vimos soffrendo fome, e te demos de comer; ou padecendo sede, e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro, e te recolhemos; ou nu’ e te vestimos? Ou quando te vimos enfermo, ou no carcere, e te fomos vêr?”

E, respondendo, o Rei lhes dirá: Na verdade vos digo, quantas vezes fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes. Então dirá tambem aos que hão de estar á esquerda; afastae-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que está preparado para o demonio e para os seus anjos. Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; peregrinava sem abrigo, e não me recolheste; estava nu’ e não me vestistes; enfermo e no carcere, e não me visitastes. Então lhe responderão tambem elles, dizendo: Senhor, quando é que te vimos padecendo fome ou soffrendo sede, ou precisando abrigo, ou nu’, ou enfermo, ou no carcere, e deixamos de te acudir?”

Então lhes responderá, dizendo: Em verdade vos digo, quantas vezes deixastes de o fazer a um destes mais pequenos, nem a mim o fizestes. E irão estes para o supplicio eterno; e os justos parã a vida eterna”. (Math. XXV. 34-46).

# O ESPIRITO POETICO DO MUNDO MODERNO

ARMANDO MÃS LEITE

Numa carta aberta, tão inteligente e sugestiva quão cheia de finura, dirigida a Valery Larbaud a proposito da hierarchia dos espiritos, ainda pondo de lado o problema da existencia e natureza das substancias angelicas e tratando sómente dos que se acotovelavam comnosco neste mundo, Eugenio d'Ors deixa a questão em suspenso (Chroniques "Le roseati d'or" 5e. Plon, Paris, 1928).

Nem pretende mesmo, diz, para a sua nota o caracter de uma elucidação. Observa apenas a Valery que, se, como este quer, é á actividade creadora que se deve dar a preexcelencia, não cabe esta ao espirito poetico, no qual ha ainda muito de contemplativo e que se compraz na mera exaltação da cousa, mas aos puros activos — aos D. Juans — que vão até a sua possessão.

Mas se a questão assim se desloca para ficar pendente entre os puros activos e puros contemplativos, não se torna menos difficil a decisão quando, fugindo ao abstracto, se passa a encarar a realidade viva, complexa demais para não exceder as linhas singelas de um schema.

Nella o que, de certo, revelaria o olhor profundamente lançado é que ha, na imagem pittoresca e feliz do autor da carta, um pouco de socratismo em todo D. Juan e um tanto de donjuanismo em cada Socrates.

Em summa, reflecte identidade fundamental dos espiritos que não permite "situá-los" senão dentro do momento medio ou de plenitude da cultura em que se agitam quando, por força das necessidades immanentes deste, elles se differenciam especificamente.

Não se altera, porém, com essa differenciação a unidade essencial que tinham antes, ao nascer de sua civilização, e a ella voltam na maturidade desta. Infancia e velhice das culturas são igualmente momentos de synthese espiritual.

E Eugenio d'Ors termina esquivamente pondo, apenas, a questão de saber-se se a cultura contemporânea se encontra numa dessas phases de synthese.

Muito menos a nós cabe resolvê-la. Como, porém, furtarmo-nos com a discreção do escriptor a ficar sobre ella um momento pensando — ou devaneando?

O homem de hoje quizera determinar precisamente onde está, pois crê, ou assim é de facto, que disso depende a previsão de seu destino — para onde vae.

De onde veio, sabe-o. Sabe que partiu de um instante marcado pela libertação do "eu" em face de todas as transcendencias — — os dogmas religiosos, os dogmas politicos, os dogmas de arte — e que desde então evoluiu segundo uma linha de subjectivismo crescente.

Entretanto, nesse caminho de exgottamento interior (abeberava-se em si mesmo) não encontrou uma solução total. Pascal penetrou Descartes quando affirmou que o homem ignora como se unem corpo e alma e que, entretanto, é essa união que o constitue. E no mundo, perdida a noção real desse mysterio, espirito e materia, desligados, disputaram-se a essencia do homem todo, procurando cada um absorvel-o por completo.

Mas o residuo de um espiritualismo sem peias foi um materialismo desvairado que, por sua vez, não o absorveu inteiramente. De facto, todas as manifestações modernas da actividade creadora oscillaram entre um e outro nos dominios da Arte, tentando no terreno social insatisfactorio compromisso entre ambos (materialismo pratico-fideismo sentimental).

Não sei se o movimento artistico contemporaneo póde vindicar o titulo de renovador. Creio antes que não, sobretudo se fixarmos de preferencia a Arte pura, isto é, sem qualquer ligação com doutrinas sociaes. Do romantismo de hontem, rompendo com a tradição classica, ao actual romancismo (termo que se póde generalizar, como o de romantismo no passado) de que nos falava recentemente um grande critico, passando pelo modernismo, seu ponto m̄ais alto, o caminho percorrido não se desviou da direcção subjectivista.

Veu-se da sentimentalidade pura para a vitalidade pura, segundo as expressões do critico citado, Tristão de Athayde, que aponta, aliás, como vertentes do romancismo Balzac, Dostoiewsky e Proust, tres marcos naquella direcção.

Será sem duvida esse senso do vital a contribuição artistica de-  
veras nova deste tempo. Superação do homem pelo humano não con-  
tido nos quadros daquelle, isto é, superação no sentido exterior da  
vida pelo sentido interior da mesma, embora nem sempre leve o

artista á abdição do seu individualismo em face do mysterio entrevisto, antes entregando-o ás vezes ao obscuro cifrado de certas creações excessivamente cerebraes.

Ha nestas, na verdade, um ser que luta e se desespera contra a propria limitação essencial, em lugar de aceitar-a como contingencia inevitavel de seu vôo creador que, se aspira ao "au-delá", ao transcendente, nada deste póde exprimir senão por analogia com os conceitos e atravez as fórmulas symbolicas de nossa esphera terrena.

No que respeita á technica, se se não tenta retrocesso impossivel, procura-se, creio (como do mesmo modo quanto á substancia o buscarão os verdadeiros artistas, entre o sentimento, que não é todo o homem mas lhe é inherente, e a intelligencia) um equilibrio são entre o que o modernismo repudiou, indo a naturaes extremos de guerra, e o que de novo trouxe. O movimento não descáe, "ordena-se".

Quanto á politica, constatemos unicamente, o que é essencial para a pesquisa que levamos em vista, o conflicto agudo entre ella, fraca pela falta de unidade interior, e as novas politicas totalitarias, isto é, fundadas em uma explicação total, materialista ou espirituallista, da natureza humana e que têm, portanto, a seu favor a força das idéas unas.

Não é grandemente duvidosa a sorte final de tal embate. A dissociação psychologica entre acto e idéa motora, "que é talvez a essencia e a inconsistencia tambem da civilização liberal" (Tristão de Athayde), repercute na ordem moral, restringindo a sanção só e só á violencia, aos "atos tendentes a subverter a ordem estabelecida", euphemismo que encobre, esta sim, uma violencia caracterizada, pois nem sequer é filha de principios certos e convicções profundas.

Dahi a se verem os governos liberaes moralmente incapazes de realizar accção efficaz contra as "idéas extremas" (a mediocridade democratica...) a que elles proprios abriram as portas. Tanto mais que essas idéas, em sua tendencia á universalização, no desejo de dar ao homem uma explicação que lhe abrangesse não só a natureza, como tambem a existencia, suas maneiras e relações de ser — sua vida — tendo rompido o individualismo nacionalista do berço, fallam a esse homem, inquieto de autoridade (Candido Motta Filho), cansado de sua insufficiencia individual e do abandono social a que o votaram esses regimens, a linguagem empolgante da omnipotencia realizadora dos fascios ou das forças collectivas...

E a technica social se deduz, então, rigorosa, da necessidade de repôr o homem completo numa sociedade integral: violencia contra

os hábitos de espirito do seculo, violencia contra os hábitos moraes de uma sociedade injustamente oppressora. Violencia que póde muito bem não sêr a da força, mas a do martyrio, a que ainda ha pouco alludia o sr. Plinio Salgado, oppondo á technica de Sorel a technica de Christo.

Entretanto, é para a primeira, para a força, o acto decidido, que o nosso mundo com frequencia appella. Desvario? é certo. Ha, porém, nessa loucura uma certa lucidez que ainda a poderá salvar.

Porque tal é, parece, a poesia da accção social moderna: não só está mesclada de contemplação, de philosophia, como é desta funcção directa. Penso não hâver mesmo uma dissençaõ profunda entre o "gesto" e a "palavra"; ha é que nem uma nem outro valem hoje por si mesmos; que, exactamente, uma e outro não mais se separam. Nem mesmo nos individuos, nos quaes, ao contrario, vemol-os ainda mais intimamente unidos.

O horror á dispiiscencia das novas gerações reflecte a revolução nellas operada com a opção de uma ideologia e o consequente abandono dos sibaritismos elegantes pela entrada em funcção della. E se o homem não confia mais no poder transformador da palavra por si só, é que elle desesperou de si mesmo, daquella primitiva perfeição sonhada, embora não acredite ainda no peccado original.

Emfim, tornou-se á synthese. Socrates e d. Juan, o pensador e o activo, voltaram a conviver em cada espirito. Poesia. Poesia que se vae ás vezes perder em extremos de donjuanismo, mas de algum modo sempre, inicialmente pelo menos, poesia.

"La vie... elle nous passionne davantage et notre désir grandit de la comprendre mieux". (A. Branchet). Não... No fundo, o que seduz o homem não é a vida e sim, justamente, sua interpretação. Em torno desta é que elle se debate e toda a sua tragedia é da introduccção no mundo moral de "uma" ordem metaphysica, neste estricto sentido, puramente ontologica (não sómente cada um de nós partiu de si mesmo para sua reconstrucção interior; vimos já que tambem o mundo partiu de si mesmo, do seu individualismo, para refazer-se).

Os ultimos seculos exasperaram-se com os anteriores, que haviam lutado por idéas religiosas. Nosso seculo agora luta por idéas politicas... Lá o interroga Chesterton: se se não combater por palavras pelo que, afinal, se irá combater?

E, porque nelles incidimos, nós não voltamos para aquelles seculos de intensa valorização da intelligencia e, por ella, da palavra.

que ousou até, no dogma, approximar-se de Deus. Mas que o fez na consciencia de sua imitação; que não pretendeu vãmente "attraper le mystère", assimilar-o, mas que racionalmente aceitou-o.

Fundados nessa aceitação, aquelles seculos conheceram um universo moral informado por uma ordem metaphysica, superior ao individuo porque tinha na Revelação sua confirmação objectiva. O homem, inexplicavel por si mesmo, e a vida, inexplicavel por si mesma, ordenavam-se para fins transcendentos a ambos, hierarchizados em relação a Deus. O individuo existia para a sociedade, estando esta, a seu turno, subordinada á pessoa de fins extra-terrenos.

Foi a concepção "divina" ou sobrenatural da existencia. O mundo moderno racionalista, negou o mysterio implicitamente, a principio, relegando-o para o dominio estanque das coisas irracionaes, com as quaes só tinha que ver uma fé sem alma, sem intelligencia, depois explicitamente, e foi a concepção "humana" ou natural da vida.

Aquelle, porém, resistiu a todas as tentativas negativas ou, o que conduzia ao mesmo, dessobrenaturalizadoras, reaparecendo, afinal, como declaração ultima das philosophias. Veiu-se de um mysterio divino para um mysterio humano. Não me pergunto se voltaremos áquelle, se, tendo descido, subiremos novamente. O homem se sente a angustia das planices, soffre mais a vertigem das alturas...

Indubitavel é que o espirito poetico resurge. Pois a poesia, como projecção do homem, de sua ordem metaphysica, no mundo exterior, é e será sempre a reintroductora do mysterio nos planos trans-tornados da existencia.

---

Quanto a saber, isolando a questão, se numa cultura materialista integral — concepção "mecanica" da vida — o problema do transcendente ao homem do mesmo modo se porta, arrisca-se á adivinhação. Comtudo... Ideologia que pretende, como as religiões, áquella universalização de que falavamos, acompanha de bom ou máo grado a tendencia do homem a superar-se. Ha, além disso, no proprio conceito da machina um finalismo (R. Collin "Reflexions sur le Psychisme", pag. 32, Vrin, Paris, 1929) uma transcendencia, portanto, que não escapará ao espirito humano em todos os tempos.

O seculo dezoito, que se caracterizou pela ausencia do mysterio (Religião natural, Arte natural, Natureza natural. Natural é no mundo moderno um adjectivo degradado para significar que não ha nada além de cousa nenhuma, como se tudo na Natureza termi-

nasse com ella ou fosse predeterminado necessariamente.), esse seculo naturalista, dil-o (Hello, foi um hiato na historia dos povos, algo de monstruoso, de contrario á essencia do homem, ao qual "cha-que verité qui apparait se cache en apparaissant", porque o mysterio é seu proprio fundo e sua condição.

---

Mas, infancia ou velhice? E, infancia ou velhice, em toda a parte? Se ha uma cultura que indubitavelmente morre é a do Oriente que se occidentaliza, transportando para lá as questões do Occidente revolto... Neste o phenomeno se repete entre as culturas herdeiras que reproduzem as lutas das culturas-mães.

Idade crepuscular, é certo, hora em que não se distingue se estamos numa ante-manhã esplendida ou nos limites de tremenda e horrivel noite. (Jackson de Figueiredo). Agonia, agonia do Christo, começada no Horto, e que vem pelos seculos em fóra, intermitentemente, sacudiñdo até ás raizes as almas dos homens como promessa de vida, sim, mas, sobretudo, como uma advertencia.

# O MUNDO CONTEMPORANEO (1)

JOÃO DA ROCHA MOREIRA

O mundo, nos dias que correm, atravessa um periodo de incertezas. De todos os quadrantes, chegam-nos noticias de guerras intestinas ou de contendas entre nações. Pelo menos é este o espectáculo que elle apresenta, no momento.

Mal sahiamos daquella catastrophe, sem igual na Historia, que abalou o orbe, deixando montões de cadaveres, ao lado da viuvez desamparada e da orphandade sem pão, que fez com que o eixo do planeta, sob o ponto de vista de sua grandeza na industria, no commercio e na riqueza, que até então ficava na Europa, se passasse para a America, e a ambição, de collo erguido, ainda pede e reclama: — mais sangue !

O Paraguay e a Bolivia, em um eterno conflicto por um pedaço de terra — o Chaco. O Peru' e a Colombia, por outra porção de terra — a Leticia. Os paizes europeus, esses vivem sobre um vulcão. Aquelles limites traçados pelo tratado de paz hão de ser o pomo da discordia em dias que não vêem longe. Aquelle corredor que deu á Polonia o seu accesso ao mar, aquella Alsacia e aquella Lorena, quantas outras imposições daquelle documento imposto pelos vencedores aos vencidos, que deveria ser todo elle de concórdia e de fraternização, tudo isto constitue um fermento para reivindicações futuras.

E ha mesmo estadistas e pensadores que afirmam — a guerra surgirá ! Houve mesmo quem marcasse o tempo em que deveria explodir.

Qua exemplo se poderia dar melhor do que esse, que está na ordem do dia — o conflicto sino-japonez — aniquillador e terrivel, em que os japões, apertados em suas ilhas e tendo necessidade de augmentar o territorio nacional, avançam para a China e se apro-

---

(1) Conferencia realizada no Nucleo de Cultura Juridica, da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro.

priam da Mandchuria? E só fazem dizer, como justificativa a esta estulta pretensão — temos super-população e é preciso acommodar o excesso de gente!

Temos ainda a notar o impressionante choque de idéas. Vemos o capitalismo com os seus grandes e funestos defeitos. Devido ao monopólio do ouro em mãos de meia dúzia de indivíduos, surge o communismo que, com uma idéa toda materialista da vida, quer derrubar por completo os regimens antigos, quer aniquillar os princípios basicos da nossa civilização.

Esse communismo que ameaça avassalar todos os paizes, pois o proletariado soffre de maneira torturante a erronea economia liberal, quasi domina a Italia se lá não apparecesse, como verdadeiro salvador, Mussolini, instaurando o fascismo.

Sem nos entendermos e sem sabermos ao certo qual a orientação que devemos tomar, vamos seguindo na estrada da vida.

A democracia liberal, fórmula de governo que conquistou, em tempos idos, tão grande numero de adeptos, hoje se acha inteiramente fallida no Brasil.

As suas consequencias todos nós conhecemos, porque são dos nossos dias: o equilibrio financeiro, dando logar aos “sem trabalho”; a mulher se imiscuindo nos negocios publicos, esquecendo-se da sua principal e dignificante missão — a educação do homem futuro; a dissolubilidade do lar; o regimen sovietico russo que se procura transplantar para o Brasil. Tudo em completo antagonismo com os princípios sociaes e ethicos da nossa civilização. E assim poderemos concluir: os “sem trabalho”, o feminismo, o divórcio e o communismo são irmãos. Partiram de uma mesma origem — a democracia liberal.

Evolução... dizem uns emphaticamente... Mas evolução errada porque teve como ponto de partida um principio errado.

### CAUSAS DE UMA REVOLUÇÃO SOCIAL

E' esta a situação em que se encontra o mundo contemporaneo. A nossa conclusão será indubitavelmente: tudo o que vemos — o choque de idéas, o extremismo e a intransigencia — não é mais do que o signal de uma evolução que se está procedendo.

Por isso, antes de entrarmos no estudo que pretendemos fazer, é preciso que estudemos as causas determinantes de uma revolução social.

O homem tem o desejo incontido da perfeição. E' por esse motivo que se procedem as revoluções. Cada uma dellas contem em si um erro por causa da fallibilidade humana. Esse erro, mais tarde conhecido, dará origem a outra revolução. E assim por diante

Portanto, as revoluções são factos, na vida dos povos, precisos e inevitáveis. Quando falamos em revoluções, temos em vista tratar das que têm por base **principios sociaes philosophicos**. Os movimentos sul americanos são antes rebeliões, tendo por motivo determinante um descontentamento político qualquer.

Existem causas que determinam essas revoluções — causas remotas e proximas. As remotas podem ser ethicas ou materiaes. As proximas podem ser geraes ou historicas. Causas geraes são aquellas determinadas pelo erro já evidente do regimen. Dahi a phrase mui sedicã: "O erro não é dos homens mas sim do regimen".

Podemos affirmar, sem medo de contestação, que toda a revolução teve como principio uma causa ethica ou material, passando depois a objectivar-se por causas geraes ou historicas.

A evolução que se está processando tem em vista uma nova organização de Estado.

Do predomínio de uma classe para a cooperação das classes.

### **AS TRES FORMAS CORRENTES DE ESTADO**

No campo das idéas politicas tres concepções de Estado apaixonam e dividem as intelligencias.

São ellas: a burguezia, a proletaria e a nacional.

A primeira é a chamada corrente conservadora.

A segunda é a esquerda.

A terceira é a direita.

Estudemos esses tres typos isoladamente.

### **ESTADO BURGUEZ**

Para se fazer um estudo synthetico do que seja o Estado burguez será necessario que saibamos como elle se constituiu.

Primitivamente era a realza a classe dominante. Os reis, donos absolutos de suas terras. Dividiram elles essas terras e as dotaram aos senhores feudaes. Estes, mais numerosos, se fortaleceram e tiveram o predomínio. Data dahi o inicio do Estado feudal.

Os senhores feudaes, por sua vez, subdividiram os seus domínios, doando-os a outros senhores que formaram a classe burguezia. Mais numerosa do que a feudal, luta contra ella e vence. Supremacia da burguezia. Inicio do Estado burguez.

E' esta a evolução que houve para o predomínio da burguezia e que fez Marx supôr que a sociedade haveria de passar por tres phases: feudal, burguezia e proletaria.

A concepção burguezia da vida tem por base:

a) a democracia liberal;

b) predomínio do Direito Privado;

c) liberalismo economico;

d) Estado leigo.

O que dissemos acima é, em linhas geraes, o Estado burguez, que parece succumbir na hora presente para o predomínio de outra concepção de Estado — o Estado nacional, que não quer a supremacia de uma classe mas a cooperação das classes.

### ESTADO PROLETARIO

A dictadura proletaria, instituida na Russia e que passa por idéa nova, tem uma origem mui remota. Póde-se dizer mesmo que o communismo existe desde que houve uma classe opprimida e outra oppressora; desde que houve a desigualdade dos bens materiaes; desde que o operario, esfalfado, depois de um trabalho torturante observou a grande differença de sua vida para a vida do seu patrão, estabeleceu um parallelo entre o conforto do seu lar e o conforto do lar opulento, lamentando a existencia triste dos seus filhos, educados na ardua vida das necessidades materiaes.

O communismo nasceu da fome e da concepção materialista da vida; teve o seu berço no desconforto, na tristeza e no descontentamento dos opprimidos; cresceu na oppressão dos ricos contra os pobres; fortaleceu-se na revolta desta oppressão. Hoje está a aetmorizar o mundo contemporaneo.

Babeuf, em 1796, no seu "Maniféste des E'gaux", já pregava a dictadura das classes proletarias (1). A seguir, o fundador da Philosophia Positiva, Augusto Comte, já previa a collaboração do proletariado na administração publica. A grande obra de Marx, no seculo XIX, foi, portanto, coordenar as observações dos seus antepassados, systematizando-as, baseado na interpretação materialista da Historia, de Hegel.

Toda a dialetica de Hegel está fundada na evolução, sendo a Historia um simples desenrolar de factos, — factos esses que têm como causa determinante a idéa de liberdade. Diz elle que, em materia social, uma idéa não é mais do que a negação da anterior, havendo, depois, uma combinação entre as duas.

Laski affirma que o communismo encerra em si um ideal e um methodo. O ideal será acabar de vez com a propriedade privada, estabelecendo a propriedade commum. O methodo para a vitória desse ideal será uma revolução social executada pelo proletariado.

Evidencia-se a utopia comunista pelas tres phases por que

---

(1) H. J. Laski: "Communismo" — Coleccion Labor n. 201.

deverá passar a sociedade para chegar á finalidade sonhada pelos marxistas (2). São ellas:

1º) dictadura de classe, esmagamento da burguezia, inicio da morte do Estado;

2º) controle do trabalho pela sociedade, accentuando-se a morte do Estado;

3º) a sociedade passará a viver sem direito, sem poder, sem administração, havendo a completa morte do Estado.

Antes de uma sociedade alcançar a terceira phase, o Estado existente terá por traços geraes:

a) a dictadura de classe;

b) predomínio do Direito Publico;

c) ensino anti-religioso;

d) opposição ás religiões ou materialismo de Estado.

### ESTADO NACIONAL

Estudando-se detidamente as organizações dos Estados burguez e proletario, chegar-se-á á seguinte conclusão: a primeira é incompleta e a segunda contem em si os germens de sua propria decadencia".

O Estado burguez, baseado na liberal democracia, apresenta uma falta de conformidade no domínio pedagogico, um desinteresse no dominio economico, do dominio espiritual e no dominio esthetico.

Pedagogicamente, o ensino leigo e livre vae de encontro aos princípios ethicos das nacionalidades. No terreno economico, o predomínio do Direito Privado, ou o não intervencionismo, acarreta crises que muito estão a abalar a tranquillidade na vida dos povos. No terreno espiritual, o desaccordo entre a religião predominante e o Estado vem evidenciar que as instituições, no regimen democratico liberal, não são determinadas pela sociedade mas sim impostas á sociedade.

No terreno da esthetica, a falta de interesse do Estado, que não estimula as iniciativas, traz consequentemente a falta de gosto por tudo que se refere á arte.

O Estado proletario tem por traços geraes: economicamente, a absorção; pedagogicamente, o ensino anti-religioso; e espiritualmente, a completa negação das religiões. E', como vemos, impossivel de realização. A simples descripção do regimen communista traz, ao estudioso do assumpto, a idéa de utopia.

---

(2) Octavio de Faria — "Destino do Socialismo".

Portanto, na época actual, nem o regimen democratico liberal e nem o communista satisfaz.

A continuação do primeiro seria proseguir a hypertrophia do progresso; seria augmentar a legião dos "sem trabalho"; seria, em uma palayra, temeridade. A infiltração do segundo seria aniquillar as nacionalidades; seria materializar os individuos; seria, em uma palayra, destruição.

Nem um systema e nem outro. Nem a corrente conservadora e nem a esquerda. Nem o individualismo e nem a igualdade.

E' outra muito diferente a solução do problema social que cada vez se torna mais complexo.

A unica solução será o nacionalismo. A unica solução será integrar cada paiz dentro dos principios, convicções e idéas dominantes em seu povo.

a) acabar de vez com os partidos politicos e com os estados dentro de um mesmo Estado que enfraquecem a união nacional;

b) solucionar o conflicto entre o capital e o trabalho, reservando a si o direito de intervir em todas as iniciativas privadas e publicas que possam influir na economia collectiva;

c) orientar a educação dentro dos dictames da religião nacional;

d) fazer um accordo entre o Estado e a religião dominante no paiz (havendo, bem entendido, distincção entre Estado e Religião);

e) estimular as iniciativas de arte.

Como se vê, não existe o desinteresse do Estado pelo individuo que caracteriza a liberal democracia; não existe tambem o materialismo dissolvente e perigoso que caracteriza o regimen comunista.

O que ha é interesse pelo individuo. O que ha é vida espiritual. O que é integridade.

Não temos em mente aconselhar aos brasileiros que se filiem as correntes nacionalistas. O que queremos é mostrar o dever que têm de se definirem, segundo o exemplo americano, ou o exemplo russo, ou o exemplo italiano.

O nosso pensamento é que é preciso decisão, é que é preciso correntes de opiniões, afim de que o Brasil seja norteadado para outros rumos.

Pensamos necessario acabar, no momento, com as neutralidades commodas, com o utilitarismo ambiente.

E isso apenas porque almejamos uma "Patria progressista,

unida, forte, respeitada, honrando a America e tendo um logar distincto no Concerto Universal da Civilização”.

### PAIZES PARADIGMAS DAS TRES FO'RMAS DE ESTADO

ESTADOS UNIDOS — De muitas pessoas temos ouvido affirmar: os Estados Unidos são uma prova eloquente de adaptação do governo liberal. Lá, o liberalismo democratico é uma realidade tangivel. Ha poucos mezes, verificou-se um pleito eleitoral afim de ser escolhido quem deveria dirigir os seus destinos, no qual se apresentaram Hoover e Roosevelt .

O primeiro, então presidente, foi derrotado, prova palpavel de grande respeito á vontade popular. E que exemplo deu Hoover ao mundo inteiro ! Depois de derrotado nas urnas, Hoover, que muito se esforçou para resolver os problemas innumerados que se lhe apresentavam; Hoover que cahiu na antipathia dos seus patricios unicamente por causa da crise consequente do liberalismo economico; Hoover, vencido, convida o seu contendor victorioso para uma entrevista, afim de, juntos, estudarem questões de administração, mostrando, deste modo, verdadeiro amor patrio.

Na America, o alto cargo de Presidente da Republica é um posto de sacrificios. De lá sahem arruinados em seus bens, nunca trocando o logar de presidente por uma cadeira de deputado, como sóe acontecer no Brasil. O que fez Hoover não foi senão uma continuação dos seus antecessores, seguindo o exemplo de Washington, o homem de caracter o mais puro, de qualidades invejaveis, que, depois de occupar a altaneira tarefa da administração publica, recolhheu-se á vida particular, não mais se imiscuindo na vida politica do paiz.

Estes que assim pensam examinaram o caso americano de maneira superficial. E' a eterna mania que temos das conclusões apresadas e aprioristicas.

De facto, ninguem pôde negar a seriedade existente, sob o ponto de vista politico, nos Estados Unidos.

Entretanto, se não soffremos de myopia sociologica e se tivermos um pouco mais de visão, confessaremos que a America do Norte, com toda a sua engenharia super-desenvolvida, com todos os seus colossaes arranha-céos, com toda a sua embriaguez de “progresso” e de “modernismo”, soffrerá brevemente uma decadencia fragorosa. O tempo ha de confirmar essa nossa affirmação, que muita gente considera, por certo, perigosa.

A hegemonia hodierna do povo yankee é uma realidade. E ninguém, de boa fé, contesta isso.

O seu progresso material revela, de modo convincente, o valor da sua instrução. Não pode haver grandes arranha-céus sem engenharia e não pode haver engenharia sem instrução. Os seus numerosos "colleges e universidades nos demonstram o que seja o seu desenvolvimento intellectual.

Existem, nos Estados Unidos, 56 universidades e 700 "colleges". Estes ultimos com um "endowment" de 32 milhões de dollars. A Universidade de Princetown, uma das menores, a sua matricula é de 2.000 alumnos, servida por 200 professores. Tem um "endowment" de 25 milhões de dollars. A de Harvard, a sua matricula é de 8.000 alumnos, gosando um "endowment" de 108 milhões de dollars (3).

Mas, se estamos apreciando, de modo imparcial a vida americana, vemos, ao par do que acabamos de dizer, a preocupação entorpecente da machina. Em se tratando de desenvolvimento não existe no vocabulario desse povo o vernaculo "bastante". São incontentaveis. Mais, sempre mais, é o lemma seguido pelos patricios de Lincoln.

O progresso não se dá lentamente, como acontece em outros paizes. E' feito de maneira vertiginosa, o que provoca crises que, em um futuro bem proximo, abalarão a esse povo emprehendedor por excellencia. A machina e a grande industria originam os "sem trabalho" e os "sem trabalho" originam o desequilibrio.

Assim sendo, dentro em breve, presenciaremos a decadencia yankee, caso não venha uma reacção ao actual estado de coisas, pois que elles, inebriados pelo progresso, esquecem-se por completo da civilização.

A RUSSIA — Por que se instaurou, na Russia, o regimen comunista ?

E' facil responder a essa pergunta, se quizermos nos transportar á Historia.

O movimento communista teve victoria nesse paiz por dois motivos, que passamos a ennumerar:

- 1º.) prepotencia dos czares;
- 2º.) mal estar provocado pelas guerras russo-japoneza e europeia.

Estudemos isoladamente esses dois motivos.

- 1º) — Prepotencia dos czares. — O governo despotico dos cza-

(3) Monteiro Lobato — "America".

res — despotismo sem justificativa porque sem programma — trouxe consequentemente a revolta dos governados contra os governantes.

Assim, pois, desde muito tempo, que os symptomas de uma crise terrivel se manifestaram, transtornando os espiritos.

Uns, a perseguirem, a lancarem mão de todos os meios, sob todos os pretextos, comtanto que os seus inimigos soffressem. E para isso, o degredo, nas inhospitas regiões siberianas, onde iam buscar a morte, ou quando peor não fosse, adquirir molestia longa e quasi sempre fatal que lhes enlutava a alma para o resto da existencia.

Outros a cumprirem essas determinações do poderio, do despotismo, em sua phase de horror, em sua furia de tudo aniquillar. Só se ouvia falar, por toda a parte, nos fuzilamentos, nas deportações em massa, nos exilios, nos sequestros dos bens particulares — e dahi a antipathia do czar moscovita.

Por sua vez, o povo ia tomando as suas vinganças. Fundavam-se sociedades secretas, com fins os mais tenebrosos. A policia, em vão, dava caça a essas associações, que faziam as suas sessões ás occultas, tomavam as suas resoluções, os seus alvitres, e os punham em pratica, custasse o que custasse. Pouco se importavam com as consequencias que, muitas vezes, determinavam sacrificios de vidas. Os seus associados só tinham um ideal — cumprir as determinações discutidas e tomadas.

O nihilismo ia para deante, com os seus planos diabolicos, sem jámais modifical-os e sem jámais ser conhecida a sua séde, os seus designios e os seus propositos. Sabe-se, apenas, que elle tomou por principio o aniquillamento dos reis, a morte de todos os dominantes da situação.

E assim, uma das suas primeiras victimas foi Alexandre II, que cahiu assassinado, em uma das ruas de S. Petersburgo, sob a explosão de uma bomba de dynamite.

2º) — **Mal estar provocado pelas guerras russo-japoneza e européa** — Começa agora o seu periodo de absorção. Vae á Asia, na direcção do seu oriente, e procura tornar-se senhora de muitas terras. Por sua vez, o Japão invade a Siberia e o norte do Celeste Imperio — a China dos mandarins. Estava lançado o cartel do desafio; acceso o estopim da luta armada.

Dahi surge o conflicto russo-japonez, aniquillador e terrivel.

O Japão, ou como lhe chamam, o Imperio do Sol Nascente, vae dar uma prova do seu valor. O mundo todo se apaixona pelos dois contendores. De um lado, um paiz lendario, vivendo ali, no Oriente asiatico, sem ninguem lhe conhecer os seus adeantamentos, o seu

gráo de capacidade guerreira; do outro, um Imperio falado e respeitado pelo mundo, grande no seu territorio, grande na sua população, com os seus exercitos, com a sua marinha de guerra, com o seu commercio desenvolvido, com as suas alianças européas, que cada vez lhe davam mais força e punham em evidencia o seu immenso poder. Os moscovitas vão de derrota em derrota. Enfraquecem-se por toda a parte. O Japão tem assomos tigrinos. Avança sobre o inimigo. Vence-o em successivas refregas, em sangrentissimos combates, por mar e por terra.

É que surpresa inaudita para o mundo! O Japão esmaga a Russia, deixa-a mutilada, quasi morta. Foi esse um facto de surprehender e de causar espanto a todos. Aqui, o abatimento de um grande Imperio que se julgava senhor do mundo; ali, o apparecimento, ou melhor, o surgimento de uma nação no scenario do orbe, com todas as grandezas, com todos os progressos, apta para o predomínio de todo o continente asiatico. Tinha ella se preparado convenientemente e estava ainda se preparando para ser uma nacionalidade forte e respeitada por todos.

Surge, agora, a guerra de 1914. A Russia toma parte activa contra a Allemanha. Batida em formidaveis batalhas, ella viveu uma época de verdadeira infelicidade. Parecia que os seus dias estavam contados, que todo aquelle poderio ia ter o seu fim.

Em 1917, ha um levante quasi geral. O czar Nicolau, homem infeliz, é preso e conduzido a logar ignorado, onde soffre, com quasi toda a familia, a pena de morte.

Apparece, então, Kerensky em scena. Assume o poder. Conduz os destinos da nação por pouco tempo.

Kerensky, que até então era tido como um homem para o momento, pois tinha sido um audaz lutador, não comprehende a delicadeza da situação.

Seria preciso muita prudencia. Nada de actos violentos. Esses actos, longe de applacar os animos, são estimulos para novas revoltas. Dahi o incendio a lavrar com mais intensidade. A sua patria estava cansada de uma luta ingloria. Tinha necessidade de paz. Mas o homem perdeu o senso. Toma resoluções que não correspondem á situação. Insiste por uma offensiva geral. Estava nisto a sua grande desgraça. E' desobedecido pelos generaes e pelos soldados, por todos que se acham empenhados na guerra contra a Allemanha.

Elle não quer ceder. Ordena novamente uma offensiva. Faz fuzilar um general. Manda outro commandar as linhas de frente. Este general mostra o verdadeiro estado da tropa e aconselha Ke-

rensky a fugir. Kerensky ordena o seu fuzilamento. E a guerra civil toma vulto e Kerensky foge.

A "prepotencia dos czares" é a "causa remota-ethica" da revolução communista; "enquanto que o "mal estar provocado pelas guerras russo-japoneza e européa" constituiu a "causa proxima-historica".

Precisamos, agora, dizer o que está sendo o regimen communista na pratica.

Pensamos que ninguem mais ignora que, na Russia, já se está formando uma néo-burguezia — prova completa de que é impossivel a extincção, no momento, da propriedade privada.

A ITALIA — Muito embora seja a guerra uma calamidade que aniquilla os povos, não podemos negar que alguma coisa de util nos traz ella. Constitue um facto historico de relevo, e como tal, incita nos homens um certo amor patrio, dá-lhes uma certa vitalidade que é indispensavel para uma evolução social.

Quando resalta aos nossos olhos a necessidade de uma renovação, preciso se torna que ella seja precedida por um notavel facto historico.

Foi o que aconteceu na Italia. O povo via claramente que o parlamentarismo da sua nação não correspondia mais aos seus anseios. Por isso, na ausencia de outra qualquer solução, os italianos enfileiravam-se, como ultimo recurso, ás hostes socialistas. Dentre elles, destacava-se um modesto filho de operario, educado na escola da fome. Sabia elle perfeitamente avaliar o que fosse, em sua patria, a desigualdade social e monetaria. Tornou-se discipulo fervoroso de Lenine e, por muito tempo, bateu-se por estas idéas.

Este homem era Mussolini, figura que, mais tarde, seria de inegualavel relevo na historia mundial contemporanea. Felizmente estudou bem a questão e viu, a tempo, a inadaptabilidade do regimen. Queria salvar a sua patria da ruina. Via elle perfeitamente que era preciso uma reaccção decisiva ao então estado de coisas.

1914. — Declarada a Grande Guerra. Os politicos dominantes e os communistas querem que a Italia se mantenha neutra, ao contrario do pensamneto do povo, que exige o intervencionismo. Mussolini comprehende que é o momento opportuno de agir. E' preciso a guerra para se fazer a revolução italiana. Pelas columnas do "Popolo d'Italia", préga, com uma coragem admiravel, a guerra. Chama em seu auxilio os socialistas e, como estes são pelo pacifismo, rompe com elles. Luta denodadamente e vence, pois que, os homens do poder, vendo a situação de entusiasmo geral, são forçados a declarar guerra á Allemanha.

Mussolini, neste momento, alcança a sua primeira victoria. Segue para a guerra, defendendo o seu paiz.

1918. — Armistício. A Italia sahe victoriosa. Grande entusiasmo asoberba o povo. Daqui segue-se um momento crepuscular e talvez o mais perigoso da historia italiana. Os communistas entram em acção. Os militares são obrigados a não andar fardados. Momento de grandes apprehensões.

Mussolini vê a situação e acha necessario agir. Reune os seus homens, formando a Milicia Fascista. Idealiza um programma de governo nacionalista, tendente a solucionar os problemas mais eminentes. Apodera-se, com um golpe de audacia, do poder e executa a sua marcha sobre Roma. Nestas condições força o rei a chamal-o para exercer o cargo de Presidente do Conselho e Ministro do Interior. E' a sua maxima victoria. Surge uma era de reorganização nacional com o alvorecer do Fascismo.

Na sua concepção de governo, o Estado deve controlar todas as manifestações de vida do seu povo. Examinou o celebre conflicto entre o Capital e o Trabalho, concluindo que não deviam ser satisfeitas as exigencias, quer dos capitalistas, quer das classes trabalhadoras, estabelecendo uma completa harmonia, entre estas duas fontes de riqueza pela syndicalização das classes.

A sua Milicia Fascista se encarrega de fiscalizar o cumprimento das ordens emanadas do Duce. Nella estão alistados ricos e pobres, em uma completa igualdade, obedecendo todos, de maneira a mais perfeita, ás ordens do seu Chefe.

Acima de tudo, o dever. Esse é o pensamento do verdadeiro fascista.

“Uma tarde, em Genova — relata-nos, a proposito, Simão de Laboreiro — tomando um vermouthe com o meu distincto amigo dr. Renato Ravinetti, um dos mais conceituados funcionarios da Navigazione Generale Italiana, convidei-o para almoçar commigo, no dia seguinte, que seria domingo, o ultimo que passaria na Italia.

Elle se desculpou assim:

— “Sinto com immensa sinceridade; mas, amanhã, tenho exercicio na Milicia, onde sou tenente...”

“Era o dever — accrescenta o mesmo autor. O dever está acima de tudo para o fascista, que, a esse dever, sacrifica o repouzo, divertimentos, familia, o convite de um estrangeiro amigo” (4).

E' preciso esclarecer bem um ponto: Mussolini não faz na Italia governo absolutista. Todos os seus actos são praticados den-

(4) Simão de Laboreiro — “Italia de Mussolini”.

tro dos dictames das leis, que são elaboradas pelo Grande Conselho.

### CONCLUSÃO

Vemos, pelo exposto, a angustia do mundo actual. A humanidade atravessa um periodo de transição. Pela observação historica e tendo em vista a fallibilidade humana, concluimos que é innato no homem o desejo de revolução, o desejo de renovação social. O regimen democratico liberal não mais satisfaz os desejos dos povos. O desequilibrio economico é palpavel. E, do mesmo modo, a crise moral e a crise espiritual.

Delineámos as tres correntes politicas do momento. Mostrámos, em linhas geraes em que consistem ellas. Procurámos descrever paradigmas dessas concepções.

Urge que a mocidade tome attitudes definidas.

“Ao contrario do que pensa o subtil israelita Julien Benda, este prégador da passividade contemplativa no reino do espirito, tenho para mim que trahidor é o intellectual que não toma attitudes, que não se define na luta” (5).

“A duvida, companheira amavel do bem estar, só existe nas épocas felizes” (6).

E' preciso que a nova geração tenha em mente o seguinte: a humnidade está atravessando um momento de angustias e é preciso tiral-a do chaos reinante..

No momento, não se definir, importa em covardia, em pusillanidade.

---

(5) Affonso Arinos de Mello Franco — “Introducção á Realidade Brasileira”.

(6) Affonso Arinos de Mello Franco — “Introducção á Realidade Brasileira”.

# SANTUARIOS PLATINOS

EDUARDO LUSTOSA, S. J.

## Basilica de Luján

No coração do Pampa — prolongamento solido do immenso estuario argentino — a quarenta kilometros da esplendida metropole portenha, espigam para o céu ante os olhos atonitos do peregrino duas flechas arrojadas a mais de cem metros de altura.

Coroam construcção paradoxalmente robusta e elegante. Uma basilica ogival brotada por encanto do seio daquela natureza monotonica e da população rarefeita.

Este templo — a basilica de Luján — é mais um milgare do amor incoercivel do catholico á Virgem Maria. A dominar com todo o seu vulto de granito rosa as poucas quadras de uma humilde povoação, o santuario gothico se avoluma em nossa imaginação como um phantasma medieval, na miragem de uma resurreição. Transporta-nos a regiões apenas sonhadas. Lembra-nos Notre Dame de Paris, Reims, Amiens, Colonia. Falta o Sena, falta o Rheno, mas não faltam aquellas linhas vertiginosas a romper a monotonia do horizonte, rumo ao céu.

Nenhum exaggero em comparar a obra prima argentina com aquellas reliquias de fé e de arte.

Se a sobriedade repousante do desenho reflecte a elegancia de Notre Dame, a majestade dos tres portaes vultosos, massicos e floridos, nos recorda Reims. Mas o coroamento feliz das duas agulhas, com o seu cortejo de corucheus e pinaculos a evoluir direitura ás nuvens só encontra parallelo no "Dom" de Colonia.

Terminada nos ultimos lustros, executada sobre um plano rigoroso e symetrico por architectos do seculo XIX, não terá o romantismo das vetustas silharias gothicas, venerandas sob a pátina de sete seculos, pitorescas na irregularidade desconcertante de seus frontespicios. Em compensação, o temerario da fabrica está attestando em cada pedra a energia e o entusiasmo do povo que lhe alçou a mole.

A fé aqui literalmente transportou uma montanha. Nas regiões

adjacentes só se maneja o tijolo nas construcções. Para a casa de Nossa Senhora desentranhou-se a pedra viva da cordilheira, que pompeia a centenas de kilometros. Deslocou-se, bloco por bloco, uma montanha para reconstruir-se integra sobre a planicie, em pedra lavrada, animada com o sopro da mais caprichosa arte.

Se o arcabouço do templo já impõe uma extase ao artista, o calor vital que circula pelas naves empolga o crente com toda a sua violencia.

Tudo ali lhe intima oração, approximação de Deus, reverencia ao mysterio.

As arcadas a fugir para o dossel de pedra — a fechar-se em lança ponteaguda — oração. As archivoltas ás ternas — trindade; aos pares, incarnação. Corpo, transepto, prebysterio — vida purgativa, illuminada, unitiva.

Os tramos da fabrica abertos em cruz — redempção. Os tres corpos superpostos — igreja padecente, militante, triumphante.

Inutil descrever a monumental massa candida do altar, mármore corroido pela filigranna. A pedra aqui avulta numa figura de apóstolo, ali se aguça numa cuspide, mais acima se adelgaça em columna ou se arqueia em dossel.

O baldaquim do altar-mór é um templo minuscuro. Nicho soberbo de uma minuscuro estatua — a Virgemzinha de Luján. Apoiada sobre um pedestal giratorio, enroupada em largo manto azul, pejado de pedrarias, a lembrar no tamanho e na silhueta a nossa Aparecida, ella dá o rosto, ora para a grande nave das compactas concurrencias nacionaes, ora para o "camarin", capellinha graciosa talhada em roble, verdadeira sala de visita em que recebe seus intimos.

O deambulatorio da abside — corôa de capellas — soffreu a invasão da piedade indiscreta. Quebra-se bruscamente a harmonia.

Ainda nesse desalinho de todos os gostos, de todos os materiais, de ex-votos a destoar nas paredes, se percebe o cunho popular da devoção. Não era possível evital-o. E' até mesmo comovedor surpreender em cada pedra a assignatura dessa fé incrustada nas paredes do templo. São os nomes de pessoas e familias doadoras que ficaram ali gravados. O templo não é assim só de materia bruta, mas de almas que quizeram perpetuar-se emparedadas no mesmo corpo da basilica.

---

Tres seculos para trás eram estes sitios arida e deserta estepe.

Ha cinco leguas da actual posição da villa, unico accidente a emergir do solo nivelado, o "Árbol solo" servia de marco ás carava-

nas. Nas proximidades encontravam ellas, ademais, agua e rancho para a pousada.

Fatigada por tres dias de jornada, chegava de Buenos Aires, capital da então colonia platina, pela era de 1630, uma modesta caravana.

Ali estacionou no seu paciente roteiro para os vice-reinados do Chile e Peru'. Carros de boi, massudos e lerdos, vinham sulcando a planicie intermina e alagadica, escoltados por cavalleiros. Vinham do Brasil, então parte integrante dos dominios hespanhoes. Entre outras mercadorias, carreavam duas imagens de Nossa Senhora em dois caixões distinctos. Eram encommenda de um portuguez, morador em Sumampa de Cordoba, que lá queria alçar uma capella á Senhora da sua devoção.

Repousam os viageiros e, ao romper do dia, aprestam a tropa para a marcha. Prodigio! A ultima carreta emperra. Examina-se os animaes, o varal, as rodas massicas. Nada explica a teima dos bois. Baldados varios remedios — chicotes, agulhadas, juntas de reforço. Alguem lembra que se alivie a carga, aliás moderada.

Retirado um dos caixões das estatuas, immediatamente, com desembaraço, partem as juntas. Era evidente uma intervenção sobrehumana. Para contraprova da experiencia, trocam os caixões, descarregando o que estava no carro e carregando o que estava em terra. Empacam de novo. Com que entusiasmo irrompeu, então, a fé daquelles rudes tropeiros. Abrem a caixa, descobrem uma formosa imagem da Virgem de uma vara de alto. Levam-n'a no rancho de D. Rozendo de Oramás, portuguez piedoso da visinhança, que teve a honra de albergar por primeiro a "Virgencita".

O santuario rustico tornou-se logo insufficiente para os tropeiros e peregrinos que o procuravam. Tres outras igrejas successivamente se lhe ergueram, uma no mesmo sitio, outras duas e cinco leguas dali, na área actual da Villa de Luján. Até que, em 1890, se lançaram as bases da basilica que hoje assombra o estrangeiro.

Um rosario de milagres, favores e graças confirmou o designio celeste.

Durante tres seculos Luján foi o nucleo, junto ao qual se concentrava a fé catholica do povo argentino, sua devoção marianna e seu patriotismo.

San Martin, Belgrano, Liniers, Rosas, Paz, em horas de esperança ou de angustia, em dias de gloria, não deixavam de trazer seu preito á padroeira nacional — preces, votos ou trophéos. Mostradores de

espadas — “omnis armatura fortium” — pendem nas paredes do camarim : “mille clypei pendent ex ea”.

Um futuro Papa, Pio IX, se ajoelhou aos pés de Maria de Luján, quando ainda conego Mastai-Ferretti, secretario do Nuncio no Chile.

---

No Cruzeiro da Basilica, um monumental candelabro de prata paira tremeluzente sobre a nave. E' da fusão de todos os ex-votões que forravam as paredes sagradas que saiu aquella joia gigantesca, symbolo perenne da Nação Argentina a arder vigilante em amor e louvores á Patrona da Republica.

Compleiando essa homenagem, os povos amigos alinharam no semicirculo da tribuna do camarim seus pavilhões. O pendão brasileiro que já figurava até pouco, não symbolizava, entretanto, uma homenagem nacional. Ella, a virgem de Luján, brasileira de origem, ainda não recebeu o nosso cartão de visita official.

Hespanha mandou a sua bandeira por mãos de uma princeza. Chile enviou uma delegação de bispos, na imminencia de uma guerra continental.

Não menos augusta foi a embaixada brasileira, na occasião providencial do Congresso Eucharistico: uma cõrte de prelados desprezou o nosso pavilhão á benção cardinalicia.

A aspersion lustral jorrada das mãos de D. Leme foi uma effusão da alma brasileira, que ali estará dóra em deante a fazer guarda de honra á sua “patricia”, na regia camara de seu throno.

# LETRAS CONTEMPORANEAS

JONATHAS SERRANO

JORGE AMADO — “Cacau”  
(2.<sup>a</sup> edição) — “Suór” (Ariel,  
Ed. — Rio — 1934).

Até que ponto deve o dialogo literario, sem prejuizo da ordem esthetica, reproduzir fielmente o dialogo vivo, natural, quotidiano? Até que minucias póde o romancista, sem desvirtuar o caracter proprio da sua arte, levar a preocupação de objectividade rigorosa? Quaes os attributos essenciaes do romance e que o extremam nitidamente de trabalhos de ordem scientifica ou de pamphletos ou volumes de propaganda e apologia mais ou menos violenta, de qualquer these, religiosa, politica ou economica?

A analyse demorada de cada uma destas questões, a exemplificação pormenorizada em nossas letras ou na de outros paizes, a fixação ao menos de alguns pontos capitaes (a casuistica, na especie, é das mais complexas) — daria para um livro.

Deante dos dois ultimos romances do Sr. Jorge Amado aquellas questões se apresentam naturalmente ao espirito de qualquer leitor capaz de reflectir.

Não pretendemos, para examinal-as, escrever todo um volume. Supposto que não nos fallecesse tempo e competencia, a tarefa seria quasi superflua. O essencial já está escripto, e ha muito, desde o anno da graça de 1887. Antes, portanto, de haver nascido o autor de “Cacau” e “Suór”. Escreveu-o, de um ponto de vista absolutamente insuspeito, no caso, o atheu Guyau. Philosopho, psychologo, estheta, as suas paginas ainda hoje merecem attenção, sobremaneira interessantes no estudo intitulado “L’art au point de vue sociologique”.

Os moços riem com desprezo de autores que escreveram antes da Grande Guerra, com a qual pensam os jovens que começou a Nova Humanidade. Compreendo que, além de outras razões, haja a de não terem tempo de ler todos os autores dos seculos passados.

Os jornaes, as revistas e os cinemas tomam o melhor das nossas horas livres, hoje.

O que não impede, todavia, de encontrarmos, a cada passo, quando temos occasião de abrir a "Summa", ou o velho Aristoteles, ou quiçá a mesma Biblia, muita novidade para nós e para esses leitores apressados de jornaes e revistas, admiradores sinceros, mas ingenuos, das redescobertas da nossa geração. Nihil sub sole novum.

---

O dialogo dos romances do Sr. Jorge Amado — "Cacau" e "Suór" — é de uma fidelidade photographica. O autor não recuou, principalmente no seu trabalho mais recente, deante de nenhum vocabulo, por mais cabelludo que o supponha o leitor.

A primeira impressão, para quem porventura estivesse deshabitado de ouvir taes expressões ou mesmo as ignorasse (estou figurando a hypothese de leitoras ainda não muito "sabidas") — deveria ter sido, poderá certamente manifestar-se como de verdadeiro pasmo ante alguma coisa inaudita, insolita, inacreditavel. E' que as personagens de "Suór", quasi todas, falam naquelle estilo que, ás vezes, nos chega aos ouvidos quando entre motoristas e carroceiros, por occasião de encontro de vehiculos ou imminencia de desastre, se permutam vocativos.

E' de inteira justiça reconhecer que o Sr. Jorge Amado, nesse ponto, se revela um especialista, com longo conhecimento do meio apresentado. Tanto quanto posso avaliar (não sou tecnico em taes dominios), parece-me que, de facto, aquella gente do 68, Ladeira do Pelourinho, deveria falar assim. O dissyllabo de Waterloo, que apparece no volume desde as primeiras paginas, é, afinal, a mais inofensiva das vernaculidades de terceira classe do linguajar dos personagens de "Suór". O tetragramma bocageano é repetido dezenas de vezes, por homens e mulheres. E creio que o autor não esqueceu nenhum dos mais frequentes turpiloquios do meio e da época.

Deste ponto de vista, "Suór" é um documento de fidelidade, repitamol-o, photographica.

Mas uma duvida me deixa hesitante, sem saber como explicar o facto. Por que motivo o autor de "Suór" lhe poz aquella dedicatória da primeira página depois da folha de rosto? "Para Mamãe e Mathilde"?

Será, pergunto a mim mesmo estarrecido, será, que os vocabulos deste volume não causarão, a quem os ler, a mesma impressão que provocariam se pronunciados, em voz alta, em leitura de um trecho mais significativo desses dialogos?

Caminharemos, então, para essa época de nudismo lexico, em que tudo se dirá, a quaesquer olhos e ouvidos, de qualquer sexo ou idade, em termos de qualquer camada social ?

Prefiro duvidar. Nem creio que o autor, mesmo entre amigos, em publico, use de taes expressões, embora as saiba empregar tão bem pela boca de seus heroes.

Uma suggestão. Por que, se a preocupação de objectividade é que leva a taes consequencias, não usar de outro genero, que não o romance ?

Creio que ainda não temos um glossario especializado de termos de calão. Não seria o caso de tental-o, como contribuição scientifica ? ...

---

A verdade é que, por mais realista que seja o vocabulario de "Suór", a sua originalidade, como audacia, é muito relativa. Mesmo neste ponto, como em outros, o Sr. Jorge Amado já foi precedido, se não excedido, por autores mais antigos, em varias linguas. O proprio Henrique VIII, ao atacar Luthero, empregou aquelle verbo que o Sr. Jorge Amado põe na boca de Julieta, ao dirigir-se a D. Risoleta, na presença de Linda. Empregou-o o rei inglez até nos dois participios, presente e passado. Mas foi em latim e não em romance, ao alcance de todos os olhos...

Aqui mesmo, no Brasil, ha varios precedentes. O proprio autor de "Bagaceira" incluiu no seu bello livro (a meu ver afeiando-o), algumas expressões que não se transcrevem em revistas como esta. Verdade é que a metaphonia peculiar aos nordestinos mascara ligeiramente as mais realistas... E, nestas paginas, já tivemos ensejo de lamentar que o Sr. Jorge de Lima tambem maculasse o seu "Anjo" com o mal cheiroso pentagramma cambroniano.

Em "Suór", porém, desde o titulo, as pituitárias sensiveis têm que se defender. A atmospheria do livro é carregada fortemente de exhalações ammoniacas. Nem falta o gaz sulphydrico.

Já visitei, faz alguns annos, o Necroterio e a ilha de Sapucaia. Levou-me a taes sitios o desejo de conhecer experimentalmente certos aspectos da nossa Capital.

Penso que não sou dos mais impressionaveis. O medico e o engenheiro que, respectivamente, me acompanharam, nas duas visitas, louvaram o meu olfacto resistente.

Li "Cacau" e "Suór" da primeira á ultima pagina. Confesso a minha preferencia pessoal pelos ambientes ozonizados.

---

E' um erro, em literatura, suppor que se deva dizer tudo, con-

tar tudo, sem limites nenhuns. Arte é selecção. Quantitativa e "qualitativamente".

O Sr. Jorge Amado, que é, sem favor, um artista, dotado de intenso poder evocativo e de emotividade notavel, parece não aceitar essa verdade elementarissima de esthetica. No dialogo incluye "tudo", sem excepção. E nas scenas...

Como é difficil demonstrar sem transcrever textos! Seria, porém, contradicção intrinseca, o fazer aqui citações. Não esqueço nunca o respeito á natureza destas chronicas. Para quem não leu nem pretende ler "Suor", aliás, as citações seriam superfluas. Para quem já conhece o volume, ou está disposto a respirar-lhe o ar saturado de odores fortes, contento-me com aquella formula das citações eruditas: "passim".

---

Ha, entre essas scenas, ainda que sempre apenas esboçadas em traços rapidos, ou mesmo subentendidas, varias que bastariam para permittir um equivoco a respeito da categoria literaria do volume.

Não fossem certas paginas em que se revela o talento descriptivo do autor (os ratos, por exemplo, o gato Zug, a tuberculosa, etc., etc.) e seria o leitor, que abrisse o livro em certos topicos, levado a suppor que se enganara comprando o romance.

O realismo, quando desce a certas minucias, e tenta fixar algumas relações ou momentos da psychologia humana, é incompativel com a genuína emoção artistica. Certos assumptos só se expõem convenientemente, a frio, em termos technicos, precisos, em livros de character scientifico. Revolver volutabros, respirar por gosto o fétido dos muladares, é morbidez ou desorientação esthetica, ou melhor anesthetica. Foi, por exemplo, o erro de Zola, cuja sombra parece estar pairando sobre certas páginas de "Suor". Mas é um erro velho e já refutado magistralmente por Guyau.

E' curioso, como symptoma, registrar a seguinte observação.

A publicação do "Assomoir", começada em folhetins no "Bien Public", teve de ser interrompida ante os indignados protestos dos assignantes. Iniciada em jornal, teve de acabar em revista, na "Republique des Lettres". Isto era em Paris, quando Zola presidia, no "Café Procope", o "Diner du Boeuf Nature".

Lá mesmo, entretanto, quando Zola publicou "La Terre", houve protestos e o famoso "Manifeste des Cinq" contra "l'exarcébaton de la note ordurière". Ainda ha pouco, o incidente foi recordado a proposito de Rosny Ainé, um dos signatarios do Manifesto.

"Tempora mutantur"... Hoje, essa "note ordurière" entra em

livros editados por empresas honestas, annunciados entre outros que são inocuos ou de alto idealismo.

---

Será razoavel extender o processo ás outras artes ? Por que não, em boa logica, se é licito usar delle em romance ? Imagino eu, por exemplo, os livros do Sr. Jorge Amado com illustrações artisticas correspondentes a certas scenas descriptas com mais crueza. Ou um film sonoro, ou simples discos, em que se registassem, "taes quaes", alguns desses dialogos.

Por que não ? A arte pela arte. A verdade é a verdade. Documentação não se mutila.

---

Mas, então, quaes são os limites da sciencia e da arte ? Por que serão prohibidos para certas classes de espectadores os films do Tabaris ? Por que não fazer uma exposição de pintura e esculptura em que "todos" os momentos da vida animal do homem appareçam em flagrantes expressivos, que movam á piedade, ou pelo menos a uma curiosidade compassiva ? Para que biombos, paredes e excessos de indumentaria ?

O verdadeiro retrato de cada um deverá ser tomado sem as hypocrisias ou mentiras elegantes do vestuario. Em rigor é tão humano e esthetico o salão de baile quanto os aposentes que os inglezes indicam, no seu pudor verbal, com iniciaes identicas ás de West City.

---

Ha outro erro grave no romance do Sr. Jorge Amado: a psychologia das personagens sympathizantes com os camaradas de Moscou. Por habil que seja o processo do autor ao apresentar as scenas e escolher as minucias, sente-se que Alvaro Lima e Linda são os seus predilectos e que os move no scenario á feição dos seus propositos de propaganda. Nem disfarça o desprezo, ou mesmo odio, aos que julga responsaveis pelas injustiça do mundo actual.

O Severino, ao brincar com Zug, chama-lhe "burguez indecente". E o seu programma é, afinal, o "sentido" do volume.

— Zug, é preciso destruir tudo isto. Tudo está errado.

E logo depois:

— Os padres... os ricos... todos... Destruir.

Linda, no findar da narrativa, aperta debaixo do braço o embrulho de manifestos em que se préga a revolução proletaria.

Mas aqui, creio eu, já estamos fóra da literatura propriamente dita...

# REGISTRO

PERILLO GOMES

**AS EXECUÇÕES NA RUSSIA** Sóbe a varias dezenas o numero das pessoas faziladas na Russia, por motivo do assassinio do secretario do Partido Communista, Kirov. O julgamento dos accusados, como é de praxe ali, depois da implantação dos Soviets, prescindiu de toda formalidade juridica, e mesmo de todo intento de defesa. Dentro de algumas horas, a sorte dos accusados foi decidida. E a fatal sentença posta em pratica. Não queremos fazer nenhum commentario sobre a maneira expedita (só expedita?) de fazer justiça na Russia de hoje. Mesmo porque, tambem fóra da Russia, ha muito quem estime esses processos violentos de repressão. Não estamos olvidados de que em um grande paiz centro-europeu, ha poucos mezes, se procedeu com igual desenvoltura para fazer abortar um supposto intento de conspiração. Nosso commentario de hoje se dirige apenas ás pretensas organizações humanitarias e humanizantes, tão sollicitas em protestar contra os actos de alguma energia dos chamados governos burguezes, e, ao mesmo tempo, tão placidas deante dos assassinios constantes em massa, nas Republicas Sovieticas, a titulo de punição a attentados contra o Poder. Ainda ha pouco tempo, por ocasião das sentenças de morte proferidas por tribunaes regularmente constituídos e funcionado de accordo com uma legislação vigente entre os povos cultos, em Espanha, á raiz dos graves acontecimentos revolucionarios que o Governo daquelle paiz teve que enfrentar, algumas dessas taes associações fizeram chegar ás mãos do sr. Lerroux seus impertinentes protestos. Nós outros não temos nenhum "parti pris" a favor ou contra a pena de morte. Cremos na sua utilidade, porque, sem ella, uma condição da justiça, pelo menos, ficaria sem ser attendida: a proporcionalidade da pena com a culpa. Por outro lado, não nos interessa que os Governos deixem, em dadas circumstancias, de exercer sua potestade de clemencia em favor dos sentenciados á morte. O que nos causa irritação é ver a parcialidade com que as chamadas instituições humanitaristas e humanizantes agem assumindo attitude differente, segundo se trata de sentenças de burguezes ou de communistas.

**MILAGRES DA FE'** Manhã fria de inverno. Raros fieis no interior do templo. Silencio e recolhimento na assistencia. Duas velas, apenas, accendidas a cada extremo do altar-mór. Uma, illumina a face de um Christo, serena e magestosa, de olhar indagador, que penetra ao mais profundo dos corações. Outra, o semblante macerado de uma Dolorosa, com suas sete espadas atravessadas no peito sempre arquejante. Em um confessionario proximo, alguem soluça. Ajoelhado, se vê, ali, um perfil minuscuro de octogenaria. Na meia-luz do templo se distinguem, perfeitamente, sua face pallida como cêra, e seus cabellos brancos de neve, contidos pelas ren-

das da mantilha preta. Já se não ouvem mais os soluços. Percebe-se que a velhinha está agora attenta á palayra do confessor. E nesta postura, conserva-se largo tempo. Por fim, ergue-se e, meio tropega, dirige-se para a mesa da communhão. Momentos depois, deixa o templo. Como que anda mais firme. A pallidez das faces se conserva. Porém os olhos têm agora uma expressão tranquilla. São azues. Como o azul dos céos nos dias limpidos de Primavera. São evocadores. Evocam a belleza de uma juventude que, sabe Deus como foi dissipada. Emfim, têm agora o azul dos horizontes, após uma borrasca, e evocam a belleza das almas redimidas, em sua perpetua juventude. Milagre da Fé! Milagre dos Sacramentos com que a Misericordia de Deus prodigaliza entre nós os thesouros da sua Providencia! Triste cegueira a dos que têm olhos cerrados a essas maravilhas do Amor.

Em seu formoso discurso pronunciado na Câmara dos Deputados brasileira, Sua Eminencia o Cardeal Pacelli, Secretario de Estado do Vaticano, declarou que a situação politica do Velho Mundo é, cada dia, mais grave. Ainda que a politica internacional da maior parte das nações daquelle continente seja bastante confusa, comtudo, o maior perigo, ali, está no que respeita á politica internacional. Em verdade, nunca como agora existiram tantas causas de conflicto na Europa. E nunca se viu tanta fertilidade na criação de motivos para uma guerra. E' incontestavel que á imprensa cabe a maior parte ou pelo menos uma grande parte nessa obra de perturbação dos espiritos. Ha mesmo um numero não pequeno de grandes jornaes dedicados, a toda evidencia, a cultivar a inimidade dos povos, sob o pretexto do patriotismo. A este respeito, "Sept", o lucido hebdomadario parisiense, recentemente, fazia notar de que maneira se serve a imprensa para um fini tão monstruoso, a proposito da politica yugoslava. Quando, por exemplo, algum acontecimento dessa politica parece favorecer a França, os jornaes francezes não podem commental-o sem ajuntar expressões como esta: "Berlín constata com azedume os progressos da amizade franco-yugoslava". Por sua vez, os jornaes allemães, quando o acontecimento apparenta um proposito de aproximação com o seu paiz, entregam-se a expansões como esta: "A França se inquieta com a reapproximação entre a Yugoslavia e a Allemanha". A quem serve a imprensa, com taes recriminações? A' obra da paz? Evidentemente não. Só á guerra aproveita uma campanha assim insidiosa de suspeitas, de imprudentes suspicacias.

Merece uma excepcional divulgação o seguinte trecho do discurso do sr. Gil Robles nas Côrtes espanholas, em resposta ás accusações feitas pelos monarchistas ao seu partido pela collaboração que vem offerecendo ao sr. Lerroux nas presentes circumstancias: "Tenho a accrescentar que, até agora, nos primeiros passos de uma collaboração, nos difficeis momentos de um periodo de transição, hei encontrado nessas fillas um apoio que não acreditei nunca poder encontrar, umas coincidencias que nunca acreditei pudessem existir. Separavam-nos abysmos doutrinaes, porém, une-nos um mesmo amor á Espanha e um conceito de nossos deveres, de tal sorte que digo: estarei com Suas Senhorias e com todos aquelles que queiram vir, porque isto não é um partido, é uma agrupação circumstancial de homens que trabalham para a Espanha; e, se para trabalhar para a Espanha fôr mister que desapareçamos como partido, que nos fundamos com outra organização e desapareçamos e morramos, ah! então haveremos superado o conceito partidarista, não em nome de um Estado totalitario, no qual não creio mais do que no conceito de uma tyrannia, sinão na superação de um sentimento patriotico que nos ha levado hoje a afrontar impopularidades e desgostos, que nos levaria a affrontar a mesma morte, porque o

conceito de que somos antes de tudo e acima de tudo espanhoes, está muito por cima de qualquer episodio da politica". A isto, realmente, é que se chama fazer politica christan. Combater os erros dos homens, porém nunca negar-lhes justiça e apoio quando merecem. Servir em um partido, porém sem exclusivismos estreitos que impeçam o reconhecimento das virtudes alheias e allienem as collaborações efficazes das outras aggremações. Actuar em partido, porém sem o fanatismo dos que se escravizam ao partido em vez de escravizar o partido ao bem da Nação. Ter sempre, em politica, a visão clara dos interesses nacionaes e o coração livre de affectos secundarios — de modo a não hesitar no sacrificio do seu proprio partido, como o faz Gil Robles, se dahi resulta um beneficio real para a Patria. Os discursos do chefe da Acção Popular Agraria de Espanha, os discursos de Gil Robles devem ser lidos e meditados por nós outros que aspiramos a rechristianização do ambiente politico do Brasil.

**OS PRECONCEITOS DE CÔR** Ainda hoje se discute se a côr dos individuos pôde servir como indice de superioridade na sociedade. E onde se debate esse thema? Acaso nal-

gum paiz de bugres, em que meia duzia de adventicios pôde realmente se considerar acima dos nativos, em virtude dos privilegios que lhe concede a Civilização? Não. A these é debatida num grande paiz da Europa central, ha pouco tempo tão opulento na sua industria, no seu commercio, na sua expansão militar como afamado pela sua sciencia e pelas suas universidades: a Allemanha. Recentemente, o dr. Staehle, impressionado com o surto dessa adoração pagã da Raça, que o nacional-socialismo está diffundindo em sua patria, declarava, em discurso pronunciado perante a União Nacional de Professores de Stuttgart, que "ser louro não queria dizer que a pessoa fosse de uma raça germanica, e que, sob uma pelle escura, se podia muito bem se encontrar uma alma heroica". Estas discussões que a nós outros se affiguram a caracter nos "bate-bocas" de mulher em rincões da provincia, definem perfeitamente a gravidade da crise espiritual que ora atravessa o ex-Imperio Germanico. Mas, por outro lado, é preciso convir que têm trazido um grande beneficio a certa industria. Desde que, por definição do "hitlerismo vencedor, o louro é a côr especifica dos que se podem orgulhar de possuir o puro sangue germanico, toda gente que se respeita, na Allemanha de hoje, incluye a agua oxygenada no orçamento das suas despesas forçadas. Deste modo, se as circumstancias não permitem aos allemães verter rios de sangue com uma guerra, algo já terão com que se distrair, inundando o paiz com verdadeiros rios de agua oxygenada...

**INGENUIDADE E REALIDADE** Inauguraram-se no mez de Novembro ultimo os cursos da Academia Deontologica de Madrid. A solemni-  
dade teve particular brilhantismo, sendo honrada com a presença do Nuncio de Sua Santidade. O discurso inaugural esteve a cargo do dr. Ruiz Ibarra, personalidade de grande reputação no circulo medico madrilenho, que, com rara eloquencia e grande argumentação scientifica, demonstrou a perniciosa influencia do materialismo sobre a Deontologia Medica. Como á sua cultura propriamente medica junte o dr. Ibarra solidos conhecimentos philosophicos, pôde em seu discurso esclarecer o vicio de origem da sciencia athéa, neste particular: a confusão no que respeita á realidade. Em sciencia, disse o orador, ha um realismo ingenuo, aparente e um realismo critico. Na illusão daquelle se fundou todo o edificio na sciencia materialista e a essa illusão se deve que, mal assentava uma theoria, logo outra surgia para derrocal-a. A proposito, adduziu largos argumentos fornecidos pela propria hisotria das sciencias naturaes, para concluir dizendo que os fracassos seguidos e constantes do materialismo indicam perfeitamente que a Sciencia, em busca realmente da Verdade, não logrou, até hoje, encontrar

caminhos diferentes daquelles que os cientistas christãos lhe assignaram. E' claro que estes argumentos terão muito pouco peso perante a fallacia scientifica de alguns rapazolas a quem professores de nossas escolas superiores administram, das cathedras do Estado, literatura revolucionaria em dóse q. s.. Esses rapazolas, porém, amanhã, possivelmente mudarão de rumo. Só a sciencia não mudará. Ademais, na verdura dos seus annos, não é de extranhar que prefiram, em sciencia, a ingenuidade á realidade.

---



---

# O liberalismo

de PERILLO GOMES

Prefacio de Tristão de Athayde

UM LIVRO QUE INTERESSA A TODOS

Preço . . . . . 5\$000

Pedidos á  
BIBLIOTHECA ANCHIETA

CAIXA POSTAL 249

Rio de Janeiro

## BIBLIOGRAPHIA

Padre Paulo Maria Lecourieux — “O SEGREDO DO REI” — (Mystica popular) — Pimenta de Mello & Cia. — Rio de Janeiro — 1934.

Reconhecendo, no nosso seculo, a tendencia cada vez mais accentuada para a psychologia e para a pedagogia, o revmo. padre Paulo Lecourieux, que tão magnificamente tratou, ha pouco, da “Providencia de Maria”, acaba de publicar um opusculo cheio de interesse e muito bem ordenado, com o fim de ensinar as almas noviças a percorrer o caminho da perfeição. A obra não é das menos difficeis, mas o Autor, com um prodigioso bom senso, consegue guiar os passos hesitantes dos que ainda não conseguiram discernir a oração affectiva da oração mystica.

Fundando-se no conceito de que o acto de fé, propriamente falando, um acto intellectual, mas acto intellectual humilde, mostra como é necessario ao homem desfazer-se primeiramente dos affectos terrestres para poder encher-se de Jesus Christo. Não nos aniquilamos para renascer, mas nascemos aniquillando-nos dentro do que é de Deus. Emfim é o “Segredo do Rei” a apologia do principio da vida mystica para que se possa obter a salvação.

L. S.

Ribeiro Couto — “PRESENÇA DE SANTA THEREZINHA” — Civilização Brasileira, Editora — 1934.

Ribeiro Couto foi a Lisieux e escreveu um livro sobre Santa Therezinha do Menino Jesus. O autor não fez historia nem relatou sentimentos. Fixou aspectos intimos e lembrou factos da vida mystica e prodigiosa da Santinha de Lisieux. Mas fel-o á sua maneira, isto é, no estylo moderno e pinturesco, de que é um dos mais representativos exponentes da nossa geração de intellectuaes. Por isso, á guisa de explicação, diz elle que “não sei talar de Santa Therezinha senão á minha maneira. O que, as vezes, parecerá irreverencia, não passa de certa confiança, uma confiança poetica e fraternal que tomei por ella, por instincto”. Por isso, é com olhos poeticos, mas de poeta moderno, que Ribeiro Couto resume a vida da Santinha, nesses poucos periodos:

Era uma mocinha de Lisieux que entrou para o convento, entisicou e morreu. Sua vida não foi corrompida de peccados mundanos, para opportunos arrependimentos edificantes. Nem teve lances dramaticos ou heroicos, a salvação de um paiz ou o respasto das feras assassinas. Ah, nem o beijo dos leprosos, nem as dentadas dos cannibaes. Mas, nessa linha recta e municipal entre o berço e o tumulo, quanta sabedoria! Therezinha ensina, antes de tudo, que, para salvar o mundo, não é preciso sair de uma cidade de provincia...”

Livro leve, ameno, moderno até nas illustrações, “Presença de Santa Therezinha” deve ser apreciado mais como produção literaria do que como panegyrico da Santa. E’ o culto da literatura modernista á mais moderna de todas as santas.

L. S.

**“IMITAÇÃO DE MARIA” — Typographia do Patronato — Rio — 1934.**

Como a “Imitação de Christo”, um dos maiores livros já escriptos, por mão de homem e que muitos collocam immediatamente após á Biblia, a “Imitação de Maria” não tem autor conhecido. Um religioso anonymo incumbiu-se de escrevel-o, mas não quiz encher-se da gloria de tel-o feito. Livro admiravel, acha-se, agora, traduzido em portuguez, graças á iniciativa de Mauricéa Filho.

“Imitação de Maria” é um desses trabalhos que não podem ser resumidos no curto espaço de uma apreciação como esta. Sómente a sua leitura, demorada e meditada, será capaz de dar uma idéa de quanto é elle valioso e como faz bem ás almas. A sua leitura, pois, é recommendavel sob todos os titulos.

L. S.

**Joaquim Nabuco — “MINHA FORMAÇÃO” — Civilização Brasileira, Editora — 1934.**

Tomando a seu cargo uma edição uniforme das obras de Joaquim Nabuco, a Civilização Brasileira acaba de lançar uma segunda edição de “Minha Formação”, um dos grandes livros da literatura nacional.

A elle seguir-se-ão os demais que a penna esmerada e rica de entusiasmo e sinceridade do autor de “Um Estadista do Imperio” doou ás letras patrias. “Minha Formação” é demasiado conhecida pela intellectualidade brasileira e até mesmo estrangeira para necessitar de uma debil apreciação critica. Fica ahi, pois, apenas a noticia do seu apparecimento, para sciencia dos cultores das boas letras.

J. S.

**RESUMOS DE REVISTAS RECEBIDAS PELA “A ORDEM”, POR GUY DE HOLIANDA**

“Revista Academica da Faculdade de Direito” — Recife — Anno XIII — 1933 — Fasc. 2-4:

Clovis Bevilacqua — No portico da Sciencia do Direito (171|81); Amelia de Freitas Bevilacqua — Reflexões (182|92); Joaquim Amazonas — Tobias Barreto e o cincoentennario do seu professorado (193|203); Annibal Freire — Renovação e Ordem no Panorama do Mundo (204|19); Mario Castro — A politica legislativa (220|29); João Aureliano — Criminologia e Psychanalyse (230|336). Concurso de Direito Civil: Provas escriptas dos candidatos Joaquim Guedes Corrêa Gondim Netto e José Soriano de Souza Netto (337|44 e 345|52).

“The Sentinel of the Blessed Sacrament” Vol. XXXVIII. N. 1 — January, 1935:

Michael O'Rourke — Wasted Opportunities (1|4); Catherine M. Hayes — Eucharistic Year (Poem) (4); Stanley B. James — The Blessed Sacrament in English Literature. I. Introduction (5|8); Rev. Pascal Potvin — After thoughts on the Congress (9|13); Virginia Du Brul — Ode on the Epiphany (Poem) (13); The Adoration Hour; The Holy Family (14|19); Rev. H. E. Hope, M. A. — Conversion and holy Communion (20|26); Frances Marie Shannon — For the New Year (Poem) (26); Muriel M. Freeman — Jenny's Window, V. II; To Make Excuse (27|33); In the Light of the Monstrance. Part. I. Fundamental Truths (34|37); Ethel H. Butler — Walled in (37); W. S. Fitzpatrick — The open Mind (38|43); Catherine Christine O'Byrne — Lord that I may see (Poem) (43); Sentinel Singers (44|45); Editor's Note (46|52); Irene M. Griffiths — Contrition (Poem) (52); Eucharistic Chronicle (53|54); Book Review (55|57); Thansgivings to Blessed Peter Julian Eymard for Favours received (57); Obituary (58).

¶ **"Der Gral Monatschrift Fuer Dichtung und Leben"** — Heft 3. 29. — Jahrgang — Dezember, 1934.

Peter Bauer — **Der Weg zur Welt** (87); Idem — **Mythus und Evangelium** (99|101); Clara Schuenemann — **Kruyskamp — Heilige Nacht** (101); Carl Heinz Sauer — **Das Bild der Kirche bei Sigrid Umdeset und Gertrud von Le Fort** (102|73); Franz Selgmal — **François Mauriac** (107|12); Jakob Kneips **jungste Gedichte** (113|15); Hilda Wais — **Siehe, ich klepfe an** (115); H. Sizsdi — **Totentanz** (116|18); Idem — **Auf der Gralwarte** (119|31); Kathe L. Kamosa — **Kleine Stimme** (131); **Ein meus Buch von Peter Lippert, S. J.** (132); **Von Leutscher Kanst** (132|3); **Neue Bacher** (133|44).

**"Collectaneaes de Accordãos"** — Anno III — Vol. 6 — Fasc. 57 — 30|11|1934. Fasc. 58, 15|12|1934; Fasc. 59, 31|12|1934.

**"Revista de Cultura"** — Anno IX — N. 97 — Vol. XVII — Janeiro de 1935:

Agostinho de Campos — **"Ultra-pessoal** (5|7); José de Mesquita — **D Bosco, o conquistador de almas** (8|14); Carlos de Laet — **Microcosmo** (15|17); Mons. Rodrigues de Oliveira — **O Natal de Jesus** (18|20); Antonio Manoel dos Reis — **O Bispo de Olinda perante a Historia (Continuação)** (21|51); José de Mesquita — **Aura da Serra (Soneto)** (52); Agostinho de Campos — **Notulas. Systema e ex-systema** (53|55); **Bibliographia** (56).

Idem — N. 98 — Fevereiro de 1935:

D. Manoel G. Cerejeira — **Mensagem aos Portuguezes residentes no Brasil** (57|64); Julio Pena — **Discurso de paranympho** (65|76); Carlos de Laet — **Microcosmo** (77|80); Antonio Manoel dos Reis — **O Bispo de Olinda, perante a Historia** (84|108); Agostinho de Campos — **Ultra-pessoal, II** (81|833); José de Mesquita — **Perfeição (Soneto)** (109); Agostinho de Campos — **Notulas — Palavras** (110|111); **Bibliographia** (112).

**"Vozes de Petropolis"** — Anno XXIX — Janeiro 1935 — Vol. I. I.

D. José Pereira Alves — **Anno Bom** (3|4); Soares d'Azevedo — **Anno que sae, anno que entra** (4|73); Fr. Henrique Golland Trindade, O. F. M. — **Clama, ne cesses...** (8|10); Tristão d Athayde — **A' mocidade feminina** (11|14); Fr. Redento Kulmann, O. F. M. — **Grupos sociaes** (14|17); Padre Mario Couto — **Nos dominios da arte sacra** (17|21); Damião Berge Silbernagel, O. F. M. — **Humberto de Campos** (22|25); Maróquina Jacobina Rabello — **Carta ás moças da minha terra** (23|29); Paulo Figueira de Mello — **Afirmações e ensinamentos do Congresso Eucharistico de Buenos Aires** (30|36); Antão de Mendonça — **Saturação do xarope** (36|39); José de Sá Nunes — **Consultorio philologico** (40|43); Fr. O. M. — **A nova capa das "Vozes"** (44|47); **Idéas e factos** (47|51); **Dos livros e revistas** (51|59); **Cartas de Rita (romance)** (60|64); **Actualidades...** (65|70).

N. 2 — Fevereiro:

**Pensamentos para Fevereiro** (71); Fr. Henrique Golland Trindade, O. F. M. — **Semana de Acção Catholica em Petropolis** (73|76); Capitão Jorge Barreto Lins — **Christo e o soldado** (76|79); Soares d'Azevedo — **Uma penna prodigiosa** (80|83); Fr. Redempto Kulmann — **O grupo social social dos agricultores** (83|86); S. A. de Moraes — **Aperfeiçoamento** (87|89); A. José Rodrigues — **Um crime de lesa-patria** (90|93); Paulo Figueira de Mello — **Afirmações e ensinamentos do Congresso Eucharistico de Buenos**

Aires (94|98); Maroquinha Jacobina Rabello — A dama de ouros (99|101); Antão da Mendonça — Fogueira que se apaga (103|105); Fr. José de Castro. O. F. M. — A lembrança dos que se vão (105|108); José de Sá Nunes — Consultorio philologico (109|114); Idéas e factos (114|122); Dos livros e revistas (122|126); Cartas de Rita (romance) (127|134); Actualidades... (135|140).

A ORDEM recebem e agrade

### JORNAES:

- "O Pequeno Semeador" — São João d'El Rey
- "Informação" — Rio
- "O Apostolo Alagoano" — Penedo.
- "El Pueblo" — Buenos Aires
- "O Sino" — Parnahyba.
- "Jornal do Commercio" — Juiz de Fóra.
- "Commercio do Jahn" — São Paulo.
- "O Semeador" — Itajubá
- "Correio Catholico" — Uberaba
- "A Imprensa" — João Pessoa.
- "Informação" — Rio.
- "Lar Catholico" — Juiz de Fóra.
- "A União" — Rio.
- "Era Nova" — Bahia
- "O Ascensor" — Jaboticabal — São Paulo.
- "A Defesa" — Propriá — Sergipe.
- "Santuario de Santa Therezinha" — Taubaté — S. Paulo.
- "O Legionario" — São Paulo.
- "Correio Catholico" — Uberaba — Minas.
- "Magnificat" — São Paulo.
- "A Tribuna" — Recife.
- "A Cruz" — Rio.
- "Cachoeira Jornal" — Cachoeira — Rio Grande do Sul.
- "Brasil Central" — Bomfim — Estado de Goyaz.
- "A Cruz" — Cuyabá.
- "The Universe" — Inglaterra
- "Mensageiro do Senhor Bom Jesus" — Pirapóra — São Paulo.
- "O Apostolo" — Florianopolis — Santa Catharina.
- "A Revolução" — Fortaleza — Ceará.
- "Equipe" — Rio.

### REVISTAS:

- "Boletim do Instituto de Engenharia" — São Paulo
- "Boletim Oficial de la Acción Catolica Argentina" — Buenos Aires.
- "Excelsior" — Rio.
- "Natal" — Rio — N. 118.
- "The Commonweal" — N. 5
- "Revista de Cultura" — Rio — Ns. 95 e 96.
- "Semaine D'Averbode" — N. 48.
- "Schonere Zukunft" — Allemanha — N. 11.
- "O Amigo dos Meninos" — São Paulo — N. 168.
- "Criterio" — Buenos Aires — N. 356.
- "Vozes de Petropolis" — Janeiro e Fevereiro de 1935.
- "Collectaneas de Accordãos" — Fasciculos ns. 55 e 56.
- "Rivista Internazionale di Scienze Sociale" — Milano — Italia.
- "Der Gral" — Dezember 1935 — Berlim.

"The Sentinel" — Janeiro — N. 1 — Nova York.

"Zealandia" — Auckland — New Zealand.

"A Alvorada" — Rio — N. 5.

"Broteria" — Lisboa — Portugal — Fasc. 6.

"Revista Academica da Faculdade de Direito de Recife".

ACCÃO CATHOLICA DIOCESANA — E' um bem redigido folheto, distribuido recentemente em Aracajú (Sergipe), annunciando o apparecimento do jornal "A Cruzada", sob a direcção do revdmo. Padre João Moreira Lima e com a collaboração de intellectuaes de valor de Sergipe. Que o novo periodico catholico vença e conquiste victorias continuas.

ANNUARIO DA FEDERAÇÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS. N.º IV — 1934 — S. PAULO. — Dar simples parabens aos Mariannos de S. Paulo, não basta. E' tão impressionante o que relata o bem feito Anuario da Federação Marianna de S. Paulo que não se póde deixar de exclamar: bravos e bravos a tão valorosos soldados de Christo.

E' a arregimentação da Fé para o combate da oração e do bom exemplo em todas as cidades paulistas. E que exemplo magnifico aos brasileiros.

As officinas da "Ave Maria" deram ao Anuario a feição das optimos trabalhos graphicos.

Antes de comprar uma casa procure

**A Companhia Brasileira de Terrenos**

ROSARIO, 139 — Telephone 23-3971

# **Assignem**

# **“VIDA”**

**DIRECCÃO DE FRANCISCO DA GAMA LIMA FILHO,  
NELSON DE ALMEIDA PRADO, ALVARO MILANEZ,  
FRANCISCO DE LA ROCQUE E ALBERTO BRITTO  
PEREIRA**

**REVISTA DE MOCIDADE E DE ACÇÃO,  
— DE COMBATE E DE FE' —**

**Assignatura simples — anno..... 5\$000**  
**Assignatura de manutenção — anno..... 15\$000**  
**Estrangeiro — anno ..... 10\$000**

**Caixa Postal 249 — Rio de Janeiro**

**Redacção — Praça 15 de Novembro 101 — 2.º andar**

# **SCIENCIA E RELIGIAO**

**Ensaio de Apologia do Catholicismo**

**Conego Dr. Emilio José Salim**

**Reitor do Seminario Diocesano de CAMPINAS,**

**Prefacio do Padre Leonel Franca, S. J.**

**E' a mais moderna Apologetica, escripta originalmente em portuguez, destinada aos cursos superiores de instrucção religiosa, Congregações Marianas, Seminarios, Escolas Normaes, Collegios Secundarios, etc.**

**O 1º Volume de 330 Paginas, Brochura 7\$000, Encadernado, 9\$000, e pelo correio mais 1\$300.**

**O 2º Volume com mais de 400 paginas, no prélo.**

**Pedidos em Campinas a: Seminario Diocesano, ou Casa Nery — Rua Costa Aguiar.**

**Em São Paulo—Livraria Salesiana—Largo C. de Jesus.**